

PARIS,
98!

 editora evoluir

MARIO
PRATA



editora evoluir

PARIS, 98!

MARIO PRATA

 **editora evoluir**

Este livro atende às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009.

Título original	Paris, 98!
Autor	Mário Prata
Design gráfico	Gustavo André Estúdio
Coord. design	David Renó
Coord. editorial	Flávia Bastos e Patrícia Monteiro
Conteúdo Pedagógico	Alessandra Corá e Kátia Brakling / Cultura Escrita
Revisão	Entrelinhas Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Prata, Mario.
P912p Paris, 98! / Mario Prata. – 2.ed. – São Paulo, SP: Evoluir, 2021.
108 p. : 13,5 x 20,5 cm

ISBN 978-65-990368-5-9

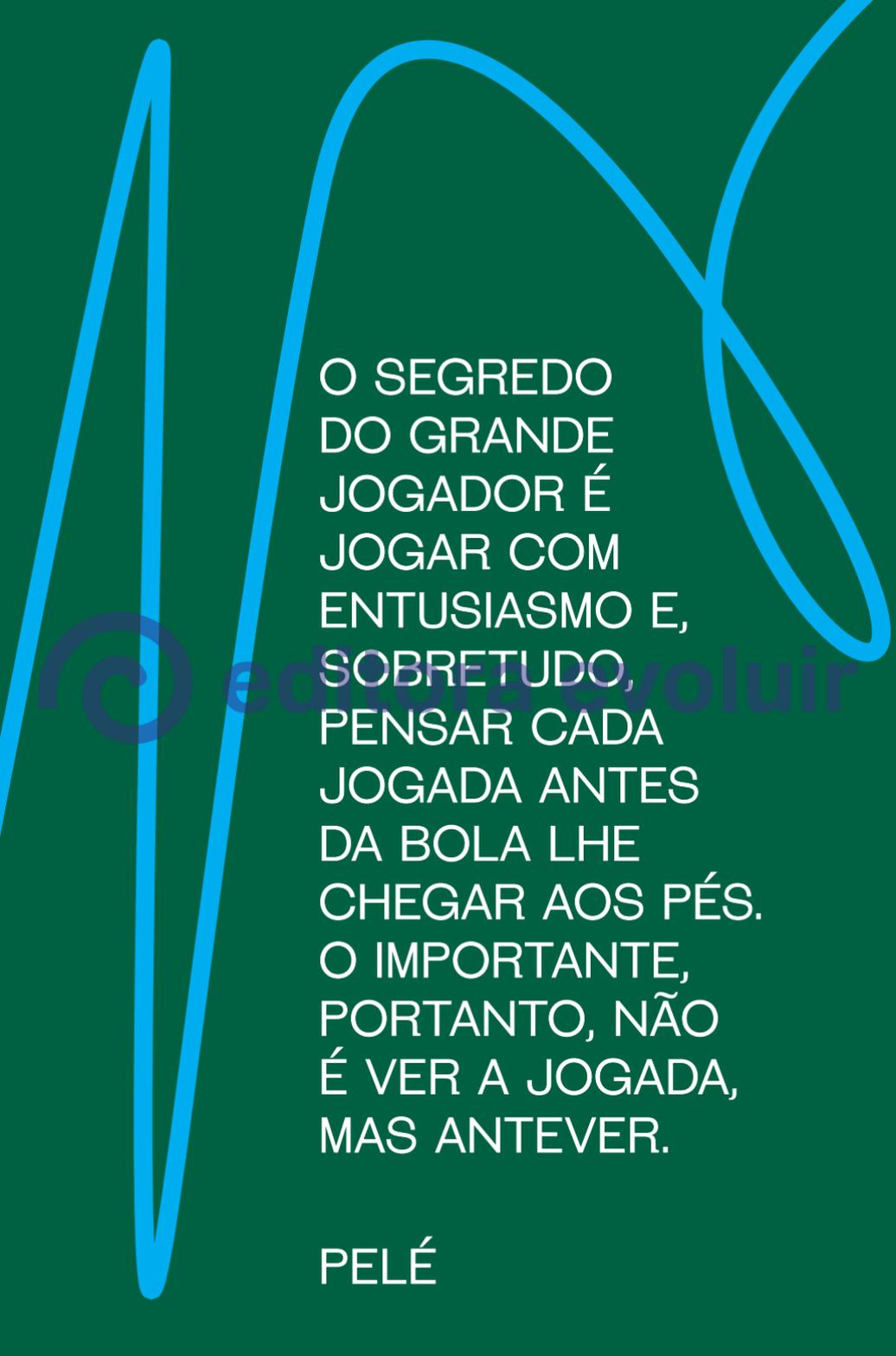
1. Crônicas brasileiras. 2. Literatura infantojuvenil.
I. Título.

CDD-028.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Fontes	Steinbeck e Freight Pro
Papel miolo	Offset 75 g/m ²
Papel capa	Triplex 250 g/m ²

Impresso em agosto de 2021.



O SEGREDO
DO GRANDE
JOGADOR É
JOGAR COM
ENTUSIASMO E,
SOBRETUDO,
PENSAR CADA
JOGADA ANTES
DA BOLA LHE
CHEGAR AOS PÉS.
O IMPORTANTE,
PORTANTO, NÃO
É VER A JOGADA,
MAS ANTEVER.

PELÉ

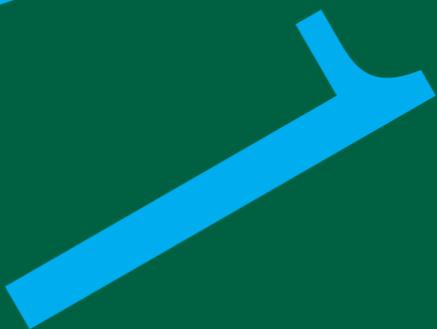
ÍNDICE

- 7 **CAPÍTULO 1**
**Minha vida nunca mais
seria a mesma**
- 11 **CAPÍTULO 2**
**Quanto é que não deve custar
pintar a Torre Eiffel todo ano?**
- 15 **CAPÍTULO 3**
**Assistir a uma Copa do Mundo
era um sonho**
- 19 **CAPÍTULO 4**
**Quando os jogadores formam a
barreira, ele acha que estão
posando para a foto**
- 23 **CAPÍTULO 5**
Ja vudré prandr mõn páti dejõne!
- 27 **CAPÍTULO 6**
**Paris é o seguinte: andar.
Andar por andar**
- 31 **CAPÍTULO 7**
**Entreguei, pela primeira vez
na vida, o meu passaporte**
- 35 **CAPÍTULO 8**
Isso tudo é de graça
- 39 **CAPÍTULO 9**
Inocente, puro e besta
- 43 **CAPÍTULO 10**
Biquíni de bolinha amarelinha
- 47 **CAPÍTULO 11**
**Pelo preço da água, eu imaginei
quanto ia custar uma ligação lá
para o Brasil, lá pra casa**

51	CAPÍTULO 12 Juro que tinha até macarronada no café da manhã
55	CAPÍTULO 13 Com açúcar e com afeto caprichei no desodorante
59	CAPÍTULO 14 Tentei me concentrar em mim
63	CAPÍTULO 15 Assisti o jogo pela televisão de pé e em francês
67	CAPÍTULO 16 Ali mora a Catherine Deneuve
71	CAPÍTULO 17 Só quero te dar um tênis novo
75	CAPÍTULO 18 O que me impressionou na Torre Eiffel foram os parafusos
79	CAPÍTULO 19 Ganhei sem vender nada
83	CAPÍTULO 20 Sabem quanto tá o dólar lá no Brasil?
87	CAPÍTULO 21 Ronaldinho triste, cansado, evitando a imprensa
91	CAPÍTULO 22 Adeus, banco, adeus, Universidade Federal
95	CAPÍTULO 23 O fim
99	SOBRE A OBRA E O AUTOR



editora evoluir





MINHA VIDA
NUNCA
MAIS SERIA
A MESMA

CAPÍTULO

UM

Meu nome é Gregório Morus, sou da Mooca, trabalho no câmbio do Bradesco. Tenho 28 anos e, pra quem se interessa, digo que sou de aquário e todo mundo comenta que eu vivo cem anos na frente. Fui criado ali perto da Rua Javari, onde fica o Juventus, time do qual o meu avô espanhol - daí o Morus - diz ter sido conselheiro vitalício, na Gomes de Moraes.

Ganho uns *mil* e quinhentos reais por mês. Quando faço hora extra. Sou casado com a Magdala, que eu namorava desde que a gente tinha uns treze. Só de noivado foram uns cinco anos. Casei há três meses. Com tudo o que tinha direito. Demorei para casar por isto: queria do bom e do melhor em matéria de eletrodomésticos e móveis. E hoje temos. Tá certo que o apartamento é alugado, mas eu chego lá. Como costuma dizer a minha sogra, “está um brinco, Gorinho”.

Minha vida nunca mais seria a mesma desde que eu vi aquele micro-ondas no anúncio das Casas Bahia. O Gugu me convenceu. E, de quebra, ainda concorria para assistir à Copa do Mundo lá na França, com tudo pago. Mas não foi por isso que eu comprei, não. Tava em liquidação e, realmente, é coisa de primeiro mundo, como costuma dizer o meu sogro. Só vendo mesmo.

A coisa toda começou quando o Agamenon, que é uma espécie de cobra-dor do seu Gomes, me deu um toque lá no bar do Marquinhos.

– Tua dívida com o *home* tá pra mais de dez pau. *Cumequíé?*

O que aconteceu foi o seguinte: eu saquei que, com o dinheiro do banco, eu nunca ia poder comprar as coisas que eu queria. Pra casar. O seu Gomes empresta dinheiro. Vive disso. Não gosto da palavra, mas o que ele é mesmo é agiota. Tem o mesmo nome da minha rua, sei lá. Foi com ele que eu levantei a grana do casamento.

Naquela época, eu achava que ia pegar a subgerência do Ipiranga. Não da avenida Ipiranga, que era um sonho muito alto, mas do bairro. Ia resolver o meu problema. Mas escolheram o Fernandinho. O gerente me chamou:

– Seu currículo é impecável, Gregório. Não fôra (foi assim mesmo que ele falou; fôra), não fôra aquelas três faltas no ano passado.

Agora o seu Gomes tá no meu pé. Se você olhar para ele, sem saber das suas histórias, você vai dizer: “Preocupado com o seu Gomes? Mas o cara é um anão. Manda ele passear! Paga quando puder”.

Dizem – nunca ninguém provou – que ele já mandou matar um. O pessoal fala, não sei, sabe como é que é, né?

São dez paus. Dez paus e pouquinho. Mês que vem aumenta. A única coisa que eu tenho certeza na vida é que todo mês aquela coisa vai aumentar.

Mas eu tinha que faltar aqueles três dias no ano passado? O doutor Mesquita não quis me dar um atestado de jeito nenhum. Eu contava com aquilo quando resolvi emendar a semana lá no Perequê. Me azarei depois. O Fernando, que nem sabia converter iene legal, nunca deve ter faltado.

Mais de mil por mês. Líquido! Em um ano eu pagava o seu Gomes e partia para o Gol um ponto oito, sonho da Magdala. E meu. Vermelho, meu amor.

No dia primeiro de abril, uma quarta-feira, eu estava, como sempre, no banco, trabalhando. Tava muita bagunça, porque a bolsa lá na Ásia tinha dado uma inesperada oscilada e quem se danava era eu lá no banco. Pelo menos dava hora extra. Toca o telefone na mesa da gerente. Umas dez horas. Ela me fez um sinal levantando o aparelho. A Maria Alice não gosta que as pessoas liguem pra gente na mesa dela.

Desculpe aí, foi mal, Maria Alice.

C



editora evoluir

2



QUANTO É
QUE NÃO DEVE
CUSTAR PINTAR
A TORRE EIFFEL
TODO ANO?

Voltei para as Filipinas. Era um primeiro de abril. Aqui é das Casas Bahia e o senhor ganhou um pacote para a Copa da França! Pode? Podia, porque daí a pouco tocou o telefone de novo na mesa da Maria Alice. Fiquei de rabo de olho. Ela atendeu, colocou o telefone em cima da mesa e foi até a minha. Abaixou um pouco – deu para ver o sutiã dela:

– É o cara de novo.

Era verdade. O micro-ondas.

Voltei para o meu lugar e sentei. A primeira coisa que eu tive vontade de fazer foi mandar a Maria Alice e o banco pra lá de Bagdá. Mas depois fui caindo na realidade. Melhor não. Era cedo, ainda.

A Magdala não acreditou.

– Primeiro de abril pra cima de mim, Gorinho?

Fiquei olhando para a cara dela. E se tivesse mesmo sido um primeiro de abril? Mas o cara falou até o número da nota fiscal, cara! Tava pensando nisso quando a Magdala abriu a gaveta da escrivaninha de cerejeira, tirou um envelope lá de dentro e me entregou. Era do Laboratório de Análises Clínicas da Mooca, há mais de cinquenta anos, agora em prédio próprio.

– Primeiro de abril?

Com os olhos cheios de água:

– Não, amor! O Gregorinho vai ser papai!

O abraço durou uns vinte minutos, em silêncio. Nossos corpos balançavam ao ritmo das lágrimas.

Depois:

– Quanto?

A Magdala fez cara de quem tinha percebido que eu estava desbundado com o que estava ouvindo do outro lado da linha. Confirmei:

– Trinta e dois mil, duzentos e quarenta dólares!!!

A Magdala girou a tampa da coca gigante. Caiu sentada na poltrona. Não dizia nada. Pensava nos trinta e dois paus. Eu também não dizia nada. Bendito micro-ondas. Trinta e dois paus! Fora os quebrados. Seu Gomes.

A Magdala conseguiu não só abrir a coca, como entornar quase tudo no carpete novo. A gente começou sorrindo e acabou gargalhando mesmo. Deus existia. E morava na Mooca. Mas a Magdala, que é de áries, é complicada:

– Pode receber em dinheiro?

– Claro!

Eu disse sem nenhuma convicção.

Pode? Liguei, de novo, para a agência de turismo. Me pediram para passar lá. Três da tarde. Sujou?

– Se não puder receber em dinheiro, não vou.

– A gente faz uma vaquinha, bem.

– Tá pensando que Paris é o quê? Aquilo lá deve ser caro pra burro. Já pensou quanto é que não deve custar pintar a Torre Eiffel todo ano?

– Quanto tá o dólar?

– Um real. Pau a pau.

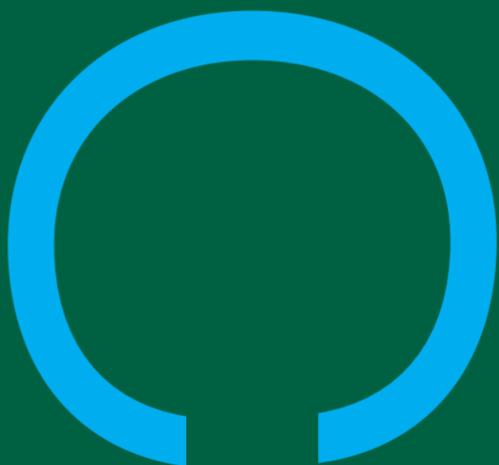
Mais tarde:

– Lei?

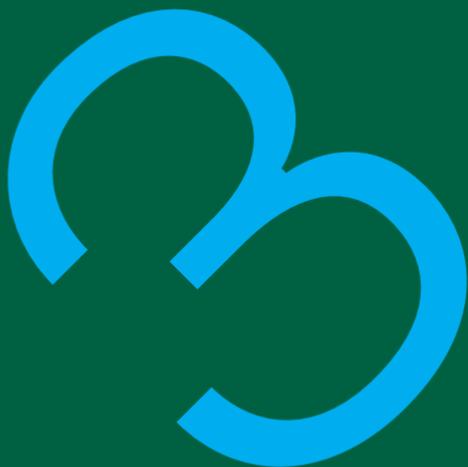
– É, é lei. A gente não pode entregar o valor do pacote em dinheiro. O senhor tem que ir.

Tenho que ir. Martelava na cabeça. *Terqueir*, parece palavra francesa.

Aquele *terqueir* foi dito por uma funcionária simpática e que parecia entender das leis. Eu *tinhaqueir*.



editora evoluir





ASSISTIR A UMA COPA DO MUNDO ERA UM SONHO

CAPÍTULO

TRÊS

– O senhor vai gostar. O senhor ganhou o pacote “primeira classe”, o que significa que vai viajar na classe executiva, ficar em hotel cinco estrelas, cinco estrelas de Paris, assistir aos jogos em lugares “pré-vilegiados” e, ainda por cima, ficar num quarto *single*. Ônibus do hotel para a estação de trem, TGV para Nantes e Marselha. Lugar reservadíssimo. Parabéns, senhor Gregório!

– TGV?

– Trem-bala. Tour por Paris, circuito da champagne, viagem à Bélgica. Disney.

– Quarto *síngol*, é?

– Sim, senhor Gregório. *Single*! O senhor embarca dia nove, às oito da manhã. Pelo fuso horário, vai chegar na madrugada do dia 10 em Paris. O Brasil estreia contra a Escócia às quatro da tarde.

Não posso deixar de registrar que aquele negócio de senhor Gregório eu tinha gostado. E muito. A Dayse era uma moça, muito bonita, cá entre nós. E estava com uma espécie de uniforme chique vermelho. Devo confessar que adoro mulher de vermelho.

– Não, Magdala. Não tem jeitinho nenhum. Ou eu vou, ou eu não vou. Tem jeitinho, não. Quarto *síngol*, acredita?

– O quê?

– O quarto é *síngol*.

– Ah, claro... É o que que é quarto *síngol*?

– Sei lá. Mas deve ser coisa finíssima. Do jeito que a Dayse falou. Quanto você tem na poupança, amor?

– Uns cento e dezoito.

– É, não posso ir para um quarto *síngol* com cento e poucos paus.

– Tem jeito, não. Melhor esquecer esse negócio e pensar no bebê.

– E o seu Gomes?

Não era no seu Gomes que eu pensava. Sempre fui maluco por futebol. Desses metidos a entender. Sei até quem era o reserva do Zito em 62. Assistir a uma Copa do Mundo era um sonho. Mas era um sonho como ter uma Ferrari, morar num apartamento grande, espaçoso, viajar para a Lua. Coisa distante, impossível mesmo. Ficava vendo os jogos do Brasil nas últimas Copas e me imaginando lá, com a camisa amarela, cara pintada, a bandeira do Brasil enrolada no pescoço. Na Copa de 70 eu tinha uns seis, sete anos. É a primeira de que eu me lembro. Lembro de um jogo contra o Uruguai e meu pai dizendo que ia ser o jogo da vingança. Me contou da Copa de 50, do Gighia, do Barbosa. Desde então, nenhum goleiro negro defendeu o gol do Brasil em Copas, me lembro dele dizendo.

Assistir a uma Copa do Mundo. Em Paris, ainda por cima. Eu tinha que tirar isso da minha cabeça e cair na real. O filho que ia nascer, o Bradesco, o seu Gomes. Minha vida era isso. Mais nada.

Jantamos em silêncio. Nem elogiei a lasanha. Nem do bebê a gente falava. Pensava no Fernandinho. Devia estar contente. Pegou a subgerência. Puxa-saco. Pensei em até brigar com a Magdala porque o café estava frio. Mas logo percebi que eu é que tinha demorado para tomar. Minha cabeça não estava ali. Estava em Paris, estava nos pés do Ronaldinho.

Paris: Torre Eiffel, Arco do Triunfo, o rio Sena, o Museu do Louvre. O que mais eu sabia de Paris? Acho que nada. Cidade Luz, isso. Meu pai me contando histórias da Brigitte Bardot. Quantos anos será que ela deve ter agora? Cuida de bicho, parece.

Tinha também o Paris-Saint Germain, o time em que o Raí jogou. E tinha, é claro, a imagem do Zico perdendo aquele pênalti em 86 contra a França. Tudo na cabeça, duma vez só.

C.



editora evoluir

4

QUANDO OS
JOGADORES
FORMAM A
BARREIRA,
ELE ACHA
QUE ESTÃO
POSANDO
PARA A FOTO

Tomei o café gelado e fui para a cama. Peguei o jornal e fui ler. Faltava um mês para a Copa. Lia sobre os treinos da seleção. Magdala gritou da sala:

– Benhê! Benhê!

Entrei correndo.

– Dadala?

– Sabe o que o *Jornal Nacional* deu? Que os ingressos da Copa, os ingressos da Copa, Gregório, que os ingressos da Copa estão esgotados e estão vendendo no câmbio negro por uma grana preta.

– E daí?

– Senta, Gregório. Senta e siga o meu raciocínio. Pelo amor de Deus, Gregório!

Sentei ainda um pouco com os olhos no treino da seleção.

– Você vai. Chega lá, pega os ingressos e vende. Faz que vai pro jogo, mas não vai. Vende! Vai, tá valendo uma grana. Vai que o Brasil chegue até a final. Quantos jogos são?

– Sete.

– Então?

Fiquei olhando pra ela. Eu não tinha a menor ideia de quanto custava o ingresso. Muito menos no câmbio negro.

– Entendeu, Gorinho?

– Dadala, ir até lá e vender os ingressos? Não assistir aos jogos?

– Quanto a gente deve para o seu Gomes?

– Uns sete e pouco.

– Gregório, fala a verdade.

E difícil confessar as dívidas da gente. Principalmente para a mulher. Grávida.

– Hein?

– Uns dez!

– Tá resolvido. Você vai. A gente faz uma vaquinha, dá um jeito daqui, dá um jeito dali e você vai.

Eu precisava de tempo para pensar melhor naquilo. Fazer umas contas, ver o câmbio. Quanto é que custa um misto- quente por lá? Um Big Mac? Dizem que a coca está quatro dólares, imagine o resto. A Magdala estava delirando.

– Ninguém precisa saber. Principalmente o pessoal da agência.

– E se o Brasil não passar nem da primeira fase?

– Vai passar! O Brasil tem que passar da primeira fase. A gente depende disso. O Brasil não pode perder.

Pensei longe:

– Quer dizer que o nosso futuro está nas mãos do Zagallo?

– E nos pés do Ronaldinho e do Romário?

– Será que o Brasil chega lá?

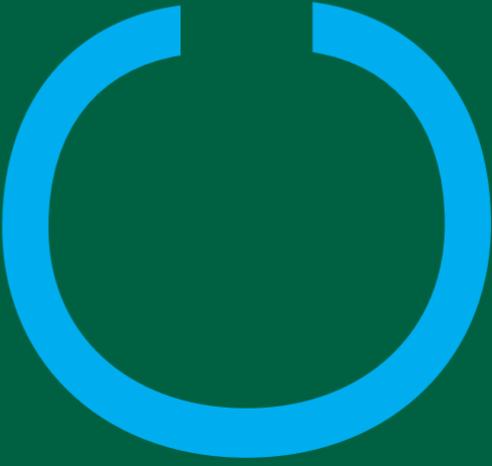
– Tem que chegar na final! Tem!!!

– Tem mesmo.

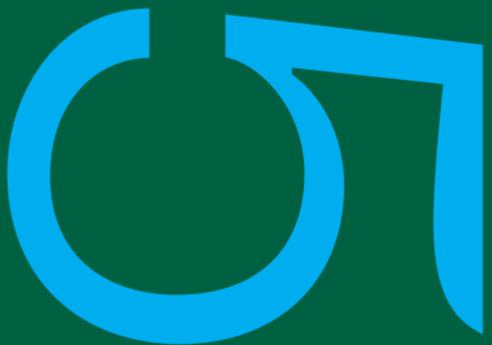
E para convencer a Maria Alice que o Bradesco tinha que me dar férias? Ainda por cima, mais de quarenta dias, ela disse. Não tem nem três meses que voltou de férias, Gregório!

– Mas eu tinha que tirar férias para casar, Maria Alice. Ou não?

Quase que eu falei ou queria que eu passasse a lua de mel aqui em cima da minha mesa e dos meus carimbos e das minhas fichas e da minha máquina de calcular – já pedi uma nova, não adianta – e da almofadinha da cadeira? Tá certo que ela foi até simpática quando soube que eu havia ganhado o pacote primeira classe, mas vamos e venhamos. Tive que passar por cima dela e ir falar com o gerente-geral, o Macário, que, absolutamente, não gosta de futebol. Não entende de futebol. Quando os jogadores formam a barreira, ele acha que estão posando para foto.



editora evolvir





JA VUDRÉ
PRANDR MÕN
PÁTI DEJÔNE!

CAPÍTULO

CINCO

Quando eu falei com ele, ele ficou quieto, me olhando, analisando. Talvez com inveja, pensei na hora. Pouca gente sabia do problema do seu Gomes, da grana que eu estava devendo. Ele ficou me olhando e eu fiquei olhando para ele. Não sabia se seria interessante ele saber que um funcionário dele andava metido com agiotagens. Ele não devia ter esse problema, ganhava bastante, uns três paus, eu sabia. Podia se perceber isso olhando a camisa dele e a gravata. Coisa de rico. A camisa era daquelas azuis com a gola branca, sabe? A gravata devia ser cara: tinha todas as cores do arco-íris. Coisa de rico. Ele se debruçou na mesa, chegando mais perto de mim.

– Lá em Paris tem uma loja chamada Galeria Lafayette. Todo mundo sabe onde é. Tipo, Lojas Americanas sabe? Você vai me trazer duas gravatas de lá. Tem que ter a etiqueta. Te dou os dólares para comprar. Gravatas francesas, é claro. E um par de abotoaduras prateadas com dois cavallinhos em cada uma delas. Um colega da central de Osasco comprou lá. Não tem erro: são prateadas e têm dois cavallinhos.

– Quer dizer que...

– Calma. Vou falar com a direção-geral. E, se tudo der certo, mando organizar uma vaquinha aqui no banco. A do casamento deu quanto?

– Quase duzentos!

– Essa vai dar mais. Sabe como o pessoal gosta de futebol. Falar nisso, tá sabendo que o banco vai mudar o horário de funcionamento por causa dos jogos, né? Agora me responde: um país desses pode ir pra frente?

Cantarolei dentro de mim: pra frente, Brasil, salve a seleção! De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão.

A vaquinha, depois que a direção-geral liberou a minha licença – sem remuneração! –, a vaquinha deu pouco mais de *cem paus*.

Isso é inveja, como disse a Dadala para os pais dela, no churrasco domingo na casa do meu sogro.

O churrasco de despedida. Minha irmã mais velha me levou um livrinho chamado *Berlitz, Francês para Viagem e Dicionário*. Cabia no bolso e era genial. Tinha todas as frases que eu ia precisar dizer lá na França. Era dividido em situações: chegada, hotel, restaurante, divertimentos, guia de compras, excursões, banco (banco!), médico e informações gerais. Tinha as frases em português, como era em francês e como era a pronúncia. Treinei com a minha irmã:

– Ja vudré prandr mõn páti dejõne!

Pronto, o café da manhã estava garantido.

– Vuaçi mõ paçpór!

– Ja nê riã nas dêklarê.

– Çil vu plé ün butéi da kónhak!

– Mérçi.

Era mais fácil do que eu imaginava.

E quando não me entendessem era para dizer:

– Ja ná cüi pa çür ká la prónõçiaçiõ çua jüçt.

Estava lá eu a praticar o meu francês e chega o seu Santana, velho amigo do meu pai:

– Meu filho, isso aqui vai te ajudar muito. Aqui nesse livro tem tudo sobre a França. Restaurantes, catedrais, viagens, castelos, vinhos, hotéis, mapas, cozinha, litoral e interior. Tem até o metrô de Paris. Olha o que está escrito aqui: o guia que mostra o que os outros só contam. É de quando eu fui lá.

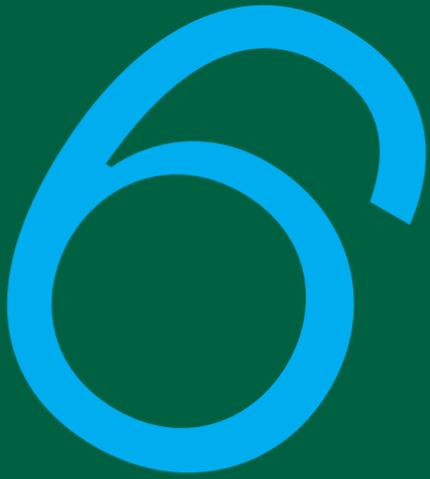
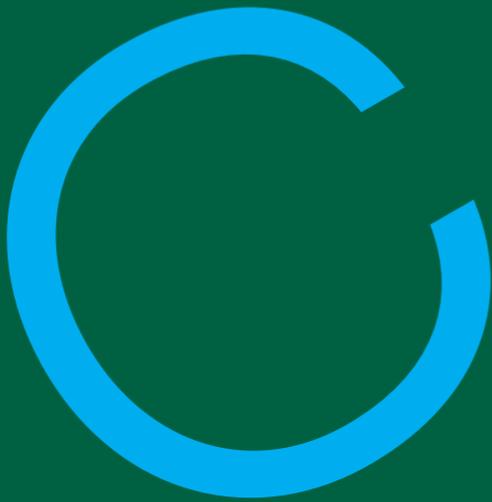
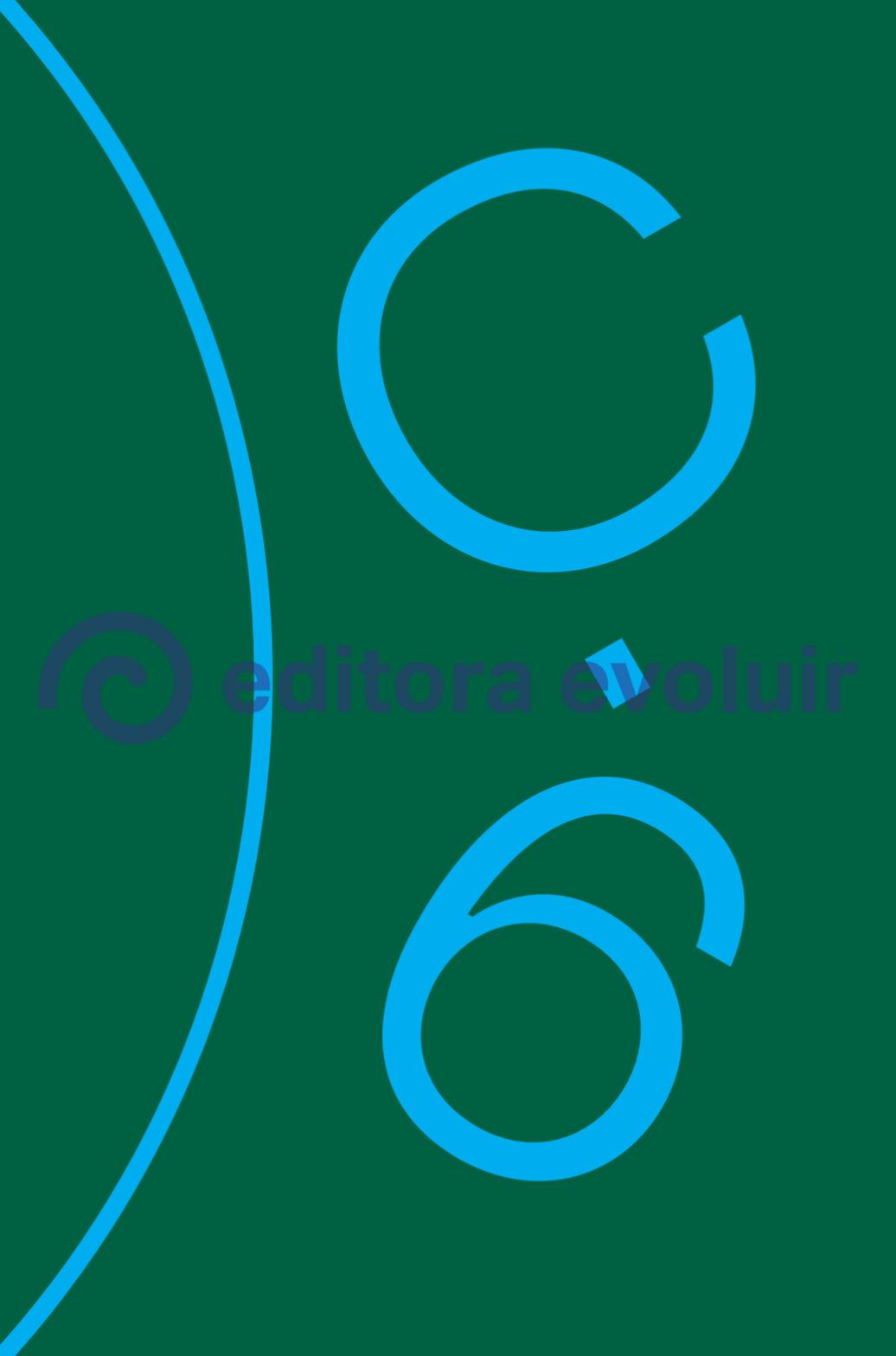
Olhei o livro. Bonito. A edição era de 1958. Tava na capa. Ele notou que eu notei.

– Não se preocupe. A França é imutável. Nada mudou. A Notre Dame continua no mesmo lugar. Apesar do incêndio ocorrido em 2019.

Minha mãe, feliz e ansiosa, falou:

– Meu filho, você me promete uma coisa?

– Claro, mãe.



 editora evoluir



PARIS É O
SEGUINTE:
ANDAR. ANDAR
POR ANDAR

– Você me promete que vai a Lourdes visitar o santuário? Promete mesmo? Você nasceu dia 11 de fevereiro, meu filho, dia de Nossa Senhora de Lourdes. Você vai lá fazer uma visitinha, assistir a missa, comungar – hoje em dia não precisa mais confessar, não se preocupe – e, o mais importante, me trazer umas medalhinhas dela. Mas tem que ser benta. Entendeu? Benzida!

Perguntei para várias pessoas o que era apartamento singol, mas ninguém soube me explicar. Uns, mais metidos, diziam que era o que havia de melhor em matéria de quarto de hotel em Paris. Outros, que já tinham ouvido falar. Uma, lá do banco, me garantiu que tinha duas camas de casal.

Ganhei ainda uma bandeira do Brasil, oficial. Mais tarde, sairia de lá completamente, enrolado nela: pra frente, Brasil.

Um amigo do meu irmão e que estava ali porque já conhecia Paris, foi me explicando:

– Gregório, Paris é o seguinte: andar. A cidade é plana. Andar, andar... Andar por andar, entende?

No final do churrasco passaram um chapéu, arrecadando um dinheirinho a mais. Ninguém sabia que eu ia vender os ingressos, é claro. Tinha vergonha. Ia ficar sujo na Mooca. Sujíssimo!

Dia seguinte, em casa, na véspera da viagem, segunda-feira, dia 9, já no quarto, caímos na contabilidade. Eu iria viajar com exatos 352 dólares. São mais de dez dólares por dia, Dadala! Dava. Tinha que dar. O café da manhã estava incluído no pacote primeira classe. Hotel, ingressos, passagens, viagens, tudo incluído. Ia dar.

– Se for menino, vai chamar Romário!

– Deixa de besteira, Dadala!

Eu queria namorar um pouco, pois ficaria muito tempo fora. Mas minha cabeça já estava em Paris. Se meu pai estivesse vivo, ia ficar orgulhoso de mim. Eu devia ser o primeiro Morus a assistir uma Copa do Mundo. A conhecer Paris! Andar por andar tinha entrado na minha cabeça.

Pendurada no cabide do quarto, a bandeira do Brasil estava bem caída mas era oficial, me garantiram. contei os dólares novamente. 352. Como se estivesse no banco, fiz a conversão em meio segundo: 2.094,40 do dinheiro francês. Coloquei junto com o passaporte e a passagem. E o seguro-saúde, que também fazia parte do primeira classe.

O voo ia sair às oito da manhã. Tinha que estar lá às seis. Acordar às cinco. A Dadala ia me levar. Eu sabia que não ia dormir. Estava com medo. Nunca tinha viajado de avião na minha vida. Arrotei churrasco.

– Você não me vai arrotar em francês, hein, Gorinho! Pelo amor de Deus!

Eu estava longe, muito longe dali, folheando o tal do Berlitz.

– Éructer.

– O quê?

– Arrotar. Em francês.

Rimos. Rimos muito. A gente estava muito feliz.

Nunca tinha entrado naquele aeroporto. Conhecia o de Congonhas, é claro. Mas aquele, não. Aquele era internacional. Grande pra burro. Tinha coisa escrita em tudo quanto é língua. Vermelho. Restaurante, livrarias. Parecia o shopping Center Norte. Tava escuro ainda naquela madrugada do dia 9 de junho, dia da estreia do Brasil contra a Escócia, aqueles caras de saia, feito o marido da Lady Di.

Andando, empurrando o carrinho com uma única mala. Uma bolsa de mão da agência, amarelíssima, com um escudo da CBF. Tava me sentindo demais! No peito, um bruto dum crachá roxo escrito bem grande “Gregório Morus” e mais embaixo “Primeira Classe”. Todo metido:

– Temos que procurar o departure.

Ela riu:

– Como você é bobo, Gorinho.

– Sabe como é câmbio? Chãj.

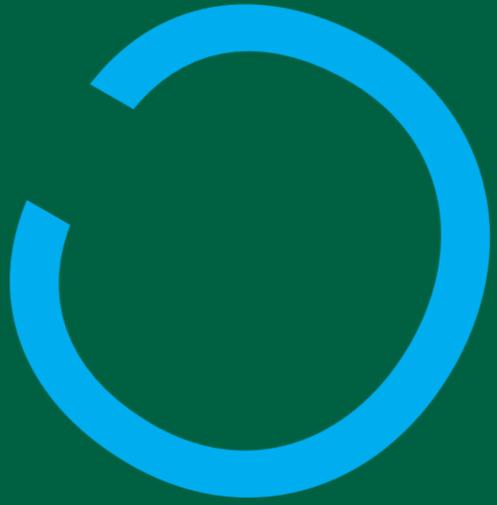
– Chánji?

– É. Chãj. Põe a língua aqui, ó. Não, não é assim. Olha!

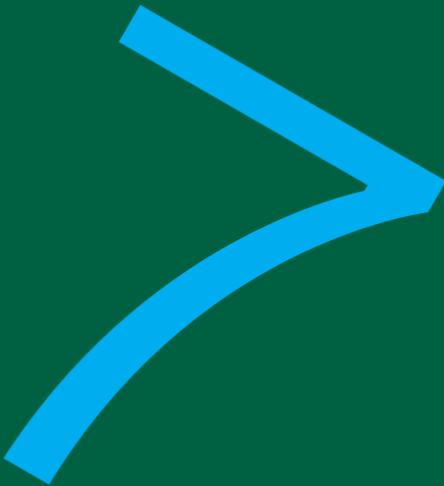
30



editora evoluir



 editora evoluir





ENTREGUEI,
PELA PRIMEIRA
VEZ NA VIDA,
O MEU
PASSAPORTE

A fila. Eu, crente de que seria o primeiro. Tinha mais de cem pessoas na nossa frente. Mas era bonita a fila. Amarela.

– Não disse que tinha que vir com a camisa amarela que a agência deu? Olha aí. Todo mundo.

– Tá frio, benhê.

Todo mundo da excursão. Camisa igual, bolsa de mão igual. Tinha uma pochete também. Amarela. Mas a pochete eu não ia ter coragem de usar. Tinha gente – pouca – com crachá roxo, como o meu. E tinha gente de crachá azul, e, a maioria, vermelho. Eu estava comentando isso quando um sujeito de vermelho – igual à Dayse, a da agência, lembra? – chegou perto de mim, olhou o meu crachá, leu o meu nome, olhou para a Magdala, voltou a olhar para mim e disse:

– Por favor, senhor, me siga.

Sujou, pensei. Deu cacá. Apesar de ele ter a cara simpática e ter me chamado de senhor, pode ser um engano, eu não ganhei coisa nenhuma, era mesmo um primeiro de abril levado às últimas consequências. Fui seguindo o cara. Olhei para a cara da Dadala e ela devia estar pensando as mesmas besteiras que eu.

Naquele momento eu comecei a entender melhor o que estava acontecendo comigo e iria acontecer nos próximos 35 dias.

– O senhor é primeira classe!

Me levou para um lugar que não tinha fila, tinha carpete vermelho, fui tratado com toda a delicadeza do mundo, a mocinha do balcão era um amor, com um uniforme muito bonito e muito bem passado. A Dadala até me olhou com ciúmes.

Ela também sabia que eu estava caindo num outro mundo. Ela sabia que a partir dali eu iria conviver com milionários e milionárias. Sim, um cara que paga 32 mil dólares para assistir a uma Copa do Mundo é milionário! E ainda leva a mulher.

– Se o senhor quiser esperar na sala VIP, é dentro da sala de embarque. Não contava com aquilo.

– Ela também pode ficar esperando comigo?

– Infelizmente, não. É depois de passar pela alfândega, senhor.

Era senhor demais.

Na porta do embarque internacional:

– Melhor não falar nada. Odeio despedidas. Vai indo, vai andando, como se a gente fosse se ver mais tarde. Como se nada disso estivesse acontecendo. Como se tudo isso fosse mesmo um sonho.

– Quero te pedir só uma coisa, Gregório. Uma, não. Duas. A primeira é que você, pelo amor de Deus!, venda os ingressos. Eu sei que você vai ficar com a maior vontade do mundo de assistir aos jogos, eu sei.

– Tudo bem, tudo bem, pode ficar tranquila. Segunda coisa?

– Cuidado, cuidado com os milionários! Sem falar nas milionárias!

Fomos dar um beijinho de leve na boca, mas a coisa foi tomando um vulto que eu tive até que me agachar, sem parar de beijar, para colocar a sacola no chão e poder usar os braços, as pernas, a barriga, tudo, naquele abraço. Era eu, a Dadala e o bebê, ali, às sete da manhã. Do outro lado do vidro, Paris.

A Dadala tinha medo que a minha vida nunca mais voltasse a ser a mesma. E eu, confesso, também.

Virei as costas e entrei rumo à Polícia Federal. Limpo, com tudo em cima. Entreguei, pela primeira vez na vida, o meu passaporte para alguém que não era a Dadala, a minha mãe, o seu Santana e a Maria do Carmo, a minha irmã mais velha. Ele olhou sério, olhou para a minha cara, voltou a olhar para a foto, olhou para mim:

34

– Torce pela gente, senhor Gregório!



editora evoluir

C

 editora evoluir

8



ISSO TUDO É DE GRAÇA

CAPÍTULO

OITO

Eu era alguém.

Passei por uma porta de ferro, nada apitou e eu comecei a chorar.

Tirei a bandeira da bolsa e enxuguei as lágrimas.

Um sujeito tocou uma possante corneta atrás de mim. Era o seu Agenor, meu primeiro amigo. Meu primeiro novo amigo. Nordestino, baixinho, moreno, careca e com um sorriso maravilhoso. Uns sessenta anos. Bem vividos, me pareceram.

– Primeira Copa é assim mesmo. É a minha quinta! Espanha, Itália, México, Estados Unidos, França. Conhece a França?

– Pouco. Só o sul.

Dali pra frente, a minha vida seria uma mentira só.

O que mais me impressionou na sala VIP foi o carpete. Dessa altura, ó. Poltronas de couro, mesinhas, cinzeiro pra tudo quanto é lado. Flores naturais, mocinhas uniformizadas, todas muito simpáticas. Os jornais do dia, as revistas da semana. E o bar.

Um balcão com tudo o que há de bom e do melhor. Devia custar uma grana. Uns potinhos com amendoim, umas coisinhas, azeitonas e muitos, muitos guardanapos. Fora os canapés. Tinha um lá que eu acho que devia ser uma coisa que eu nunca tinha visto na vida: caviar. A Dadala, metidinha como ela é, ia querer.

Atrás de nós, um casal que eu acho que estava falando alemão, pois francês não era porque eu já estava dominando bem. Eles não falavam nem *savá* e nem *muá*. Eram umas sete e meia da manhã e o seu Agenor foi se desculpando:

– Copa é Copa. Quer alguma coisa?

Olhei para o balcão. Devia custar uma grana preta.

– Quanto é?

– Isso tudo é de graça.

Não acreditei. Quer dizer que eu podia pegar aquilo tudo, comer até o caviar e era de graça? Tudo?

– Vai querer quantos?

– Quê?

– O que você quiser, ora!

Dei uma de gostoso e engraçadinho:

– Hum, acho que um pouco de cada.

Seu Agenor deu uma gargalhada gostosíssima. Foi a primeira gargalhada de muitas que eu ouviria dele durante os próximos vários dias. Seu Agenor servindo alguns aperitivos e sucos gelados nos copos e eu pensando: é por isso que rico é rico. Pra rico, tudo é de graça. Rico não gasta. Dão tudo pra ele.

Para falar a verdade, o tal do caviar é mesmo um horror. Sou muito mais mortadela. Principalmente aquela da Padaria do Alentejo, lá na esquina da

Javari. Com o pãozinho francês sem o miolo, pegando de leve na chapa. Seu Agenor deu o primeiro gole e estalou a língua:

– O Romário vai fazer falta nesta Copa.

Eu estalei a língua:

– Nem me fale.

Fiquei olhando o seu Agenor, que tinha pago aqueles 32 mil para ir para a Copa. Devia ser milionário. Ele deu uma geral dele mesmo: trabalhava com mineração. Tinha negócios na Nigéria – afirmava que a Nigéria ia ser a sensação da Copa – e na Ásia. Morava em Brasília, que era “*pra ficá perto dus home*”. Era o típico baiano, embora nascido no Tocantins. Gente boa, senti logo.

38

Foi chegando mais gente e se acomodando. Pessoas que seriam as minhas amigas dali pra frente. Depois de um mês, a gente seria mesmo uma família. Duas coisas eram comuns a todas aquelas pessoas. Como eu, eram malucas por futebol. E, diferentemente de mim, eram todas ricas. Muito ricas.

Falavam em português e inglês. Eu ficava atento. Já pensou, perder o voo? Mas isso era impossível pois o meu companheiro, que não dava a menor atenção ao que a mulher falava, tinha experiência naquelas coisas. Parecia que não era com ele que ela falava. O negócio era ficar grudado no seu Agenor. Perguntei, por perguntar:

– O senhor fala francês?

Ele:

– Nadinha! E você?

E eu, dominando o pedaço, estalando a língua, em francês:

– Nada, ou melhor *Rien* – respondi pronunciando com um biquinho no final, imitando o sotaque francês.

Passou um sujeito por nós e deu um tapinha nas costas do seu Agenor. Depois, eu ficaria sabendo o nome dele: Geraldinho. Naquele momento, eu ainda não poderia supor que os dois eram amigos há tanto tempo.



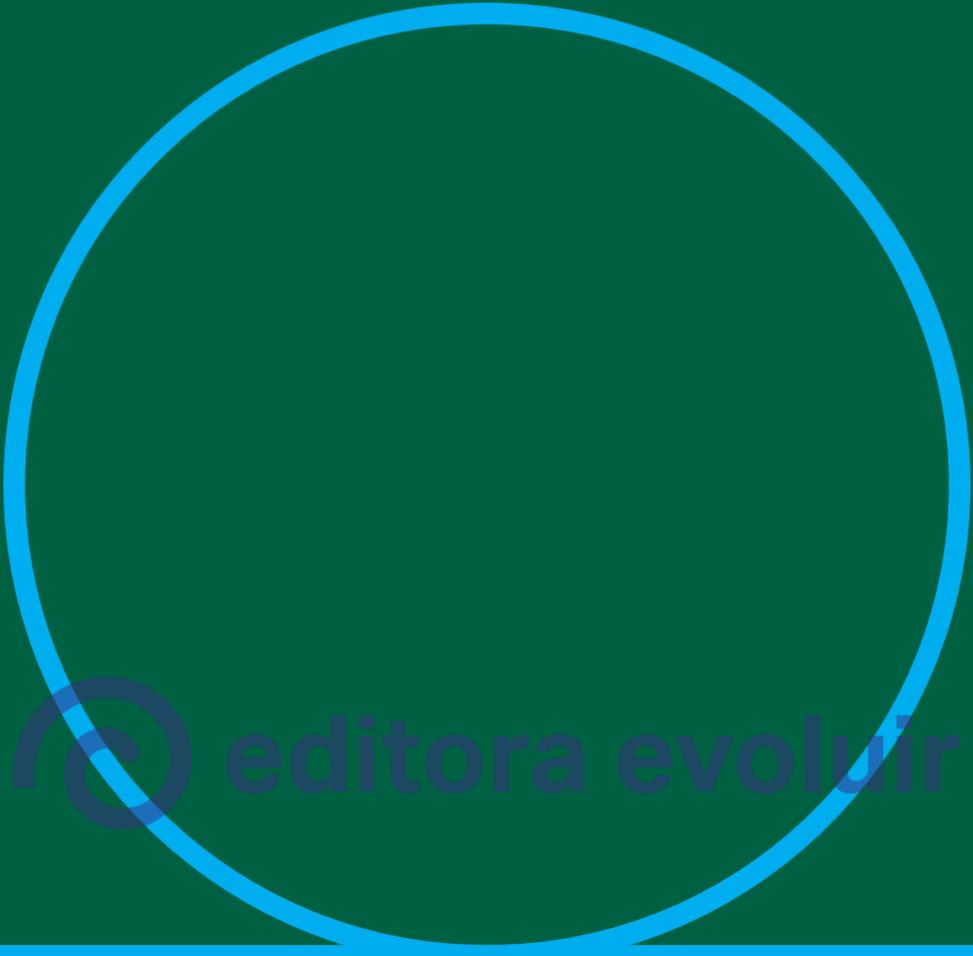
O



editora evoluir



9



editora evoluir

INOCENTE, PURO E BESTA

CAPÍTULO

NOVE

Quando fomos sair, ele deixou uma nota de dez dólares em cima da mesa.
– O senhor não disse que era de graça?
– Gorjeta, Gregório. Gorjeta. Em 2002, vou estar aqui de novo. Não custa agradar as meninas.

Pensei em deixar também dez dólares. Mas não deixei, não. Ainda não tinha vendido nenhum ingresso. Pensei: e eu, em 2002, vou estar onde?

Foi nessa hora que eu comecei a encucar com um negócio que eu já devia ter pensado. Como é que eu vou vender os ingressos? Onde? E o mais grave: em que língua? E em que moeda?

Entrei num tubo quadrado e, quando menos esperava, estava dentro do avião. Foi bom, porque chovia muito e eu estava preocupado em como entrar no avião todo molhado.

A aeromoça pegou o meu papelzinho, disse primeira classe, me apontou um rumo e lá fui eu. Achei o meu lugar, vi que as pessoas colocavam a mala de mão em cima, coloquei e sentei. Já tinham me falado do cinto. Coloquei sem problema. A poltrona era boa, larga. Observando e copiando o companheiro de lado, fiz com que ela fosse pra frente e pra trás. Quando ela foi para trás, levei um susto. Debaixo dela, saiu um troço pra gente colocar o pé. Me estiquei todo. Mas logo veio a aeromoça – era outra – e disse para colocar a poltrona na posição vertical. Coloquei. Testei o cinto. Tava firme. Do meu lado estava o Geraldinho. Quando ele disse o nome dele, senti um bafo de onça. Eram quase oito horas. Uma terceira moça me perguntou se eu queria mais uma daquelas iguarias chiques que só se encontra na primeira classe. A Copa prometia.

Fizeram uma demonstração de como agir em caso de acidentes. Aquilo me deixou muito preocupado. Não havia pensado naquelas possibilidades todas. Tinha macete até para se o avião caísse no mar. Aí o avião subiu. Parecia incrível, mas a coisa subiu.

Era um voo fretado, só de torcedores, soube depois. Poucas mulheres. Jamais conseguiria imaginar o que poderia acontecer naquele voo. Superava qualquer imaginação do ser humano. Eu sei que a Magdala não vai acreditar, mas passou, pelo corredor, um galo. Juro! O galo é o símbolo da França, alguém disse. Devia ser isso.

Inocente, puro e besta, tinha levado um livro para ler na viagem. *Ivanhoé*. Qual o quê, como diria o Chico Buarque.

Os homens ali dentro estavam fazendo exatamente o que queriam. Viraram meninos, crianças de novo. Quer coisa melhor do que isso? Vestir uma camisa amarela e sair voando por aí?

Tinha, por exemplo, um deputado federal tocando aquela buzina, aquela, sabe, meio corneta?, bem no meu ouvido... Todos estavam muito animados. Coitada das aeromoças. Não sabiam em que viagem embarcaram.

A qualquer momento iam se encantar com Denise, eu tinha certeza. Muito interessante, por sinal.

Resolvi dar um passeio, conhecer a aeronave. Quando fui lá para o fundo, é que vi como era ruim lá atrás. Tudo apertado, mal dava para ajeitar o joelho. Aquele negócio que saía debaixo pra gente colocar o pé não tinha lá atrás, não. Percebi que, lá na frente, onde eu estava, era tudo crachá roxo. Ali atrás, os azuis e vermelhos. Era gente menos rica. Deviam ter pago só uns vinte mil dólares. *Coitadinhos*.

Alguém vomitou na toailete, a aeromoça – era uma outra – avisou, o comissário foi providenciar.

Um casal descobriu, só naquele momento, que o hotel deles era quatro estrelas. Ela estava quase arrancando os cabelos. Jogava a culpa toda nele, dizia que ele ia ter que resolver o problema, que ela, imagine, não ia ficar num quatro estrelas nem morta! Sabia que não podia deixar nas mãos dele...

42

Informação que vinha lá da primeira classe avisava que o galo tinha vomitado na 3C. Não era a minha.

Dois amigos de Uberaba comentavam que estavam indo só pela abertura da copa. Achavam um luxo.

Tinha um outro que sabia tudo sobre o baixo Pigalle. Mulãruge era com ele mesmo. Eu, prestando atenção, aprendendo. Disse que tinha os telefones de umas dançarinas. Coisa finíssima. Aliás, disse depois confidenciando-me: pra falar a verdade, nem gosto de futebol. Vou mesmo é pelas francesas. No que um outro retruca: me disseram que elas não tomam banho. Não acreditei.

De repente, além da buzina, aquela corneta infernal, tinha lá um tambor, uma cuíca e um reco-reco.

“De repente é aquela corrente pra frente. Parece que todo o Brasil deu as mãos, salve a seleção!” Todo mundo canta. Uma escola de samba a dez mil metros de altura.

C

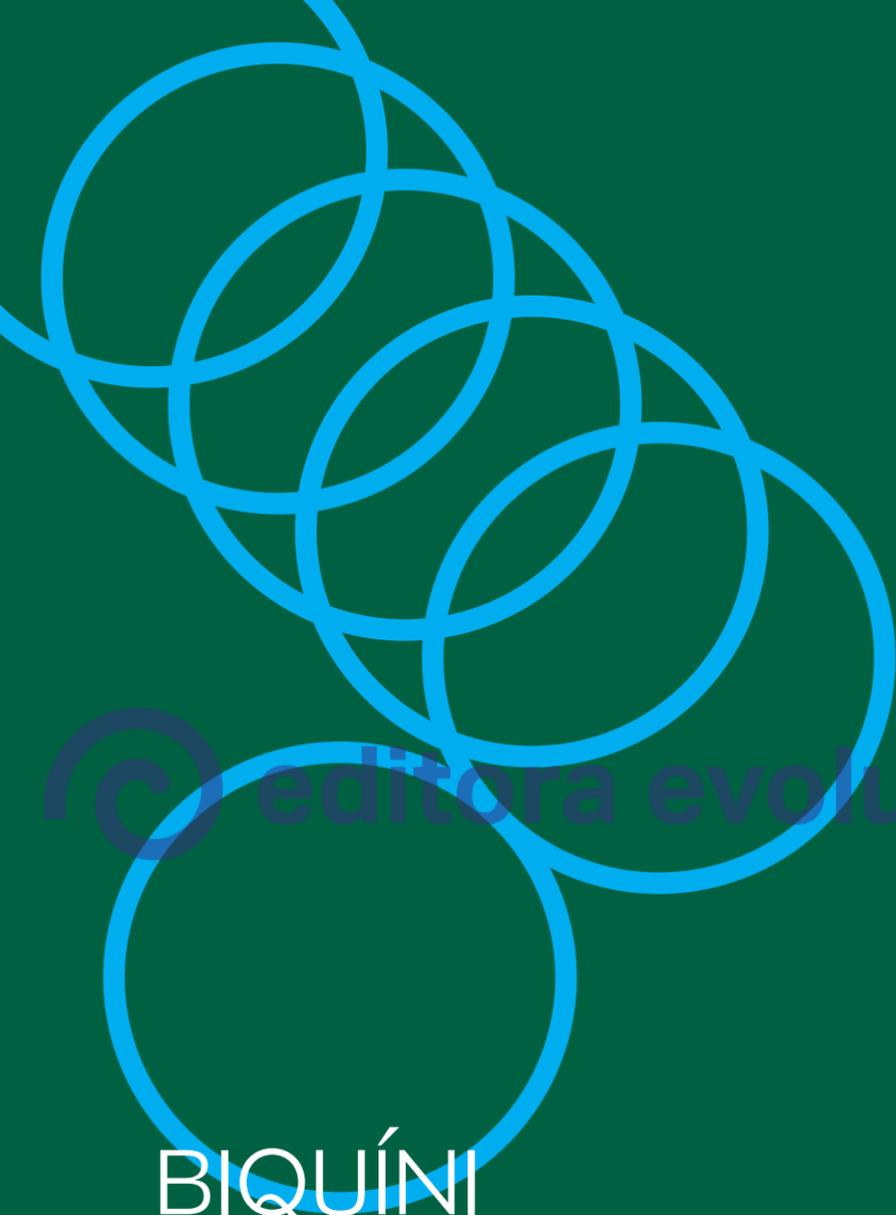
.



editora evolvir



O



editora evoluir

BIQUÍNI DE BOLINHA AMARELINHA

O comandante anunciou momentos de turbulência e pediu pra todo mundo sentar. Imagina, sentar. O que o torcedor queria mesmo era a turbulência. Bagunça, diria uma criança. Queria bagunçar. Queria a farra total. Deixou pra trás a mulher, os filhos, o trabalho, o penta do cunhado e a macaronada fria da sogra. Ia pra rosetar mesmo. Se deixar, ele vai se vestir de mulher e, triunfalmente, ensaiar um samba em frente ao tal do Arco do Triunfo. Se deixar, ele vai subir pelado na Torre Eiffel e, se ninguém segurar, fazer xixi lá de cima. Se deixar, ele vai colocar um biquíni de bolinha amarelinha e mergulhar no rio Sena em frente da Notre Dame, sem se dar conta de que Notre Dame, em português, é Nossa Senhora, como eu já havia descoberto com o meu livrinho.

Se deixar, ele nunca mais vai voltar.

E eu, volto? Volto igualzinho como quando fui? Volto pro câmbio do Bradesco?

O filme vai começar. Coloco o fone no ouvido. Estou dominando o avião. Lá fora a temperatura é de menos 40 graus. Quem diria!

Geraldinho ronca. Seu Agenor também dorme.

Vai começar *Os Desajustados*. De graça, meu! Tudo de graça. Não sei se rio ou se choro.

Essa coisa não pode cair porque eu não sei nadar. E vou ter um filho. E preciso pagar o seu Gomes.

Dentro do aeroporto, esperando as malas, eu ainda não me sentia em Paris. Foi quando saímos para pegar o ônibus que eu senti a coisa. Eu olhava em volta e ficava pirado em saber que tudo aquilo ali era francês. Tinha uma poeirinha no chão. Aquela poeirinha era francesa. Me agachei e passei a mão. Me lembrei do papa beijando o chão nos aeroportos. Mandaram eu adiantar o meu relógio cinco horas. Achei chiquêrrimo estar no primeiro mundo, cinco horas na frente do Brasil.

Tudo era francês. Encostei a mão na parede de cimento. O cimento era francês. Igualzinho o nosso, pensei, mas de primeiro mundo. Tava escuro, eram umas duas da manhã. Ficou um farelinho de cimento na palma da minha mão. Deu vontade de guardar, colocar num envelope e mandar para a Dadala.

Ali, houve uma divisão. Eu entrei no ônibus roxo. Até o motorista era francês. A moça da agência, que era – olha a coincidência – a Dayse, também falava francês. Fiquei orgulhoso daquela brasileira. Explicava as coisas para o motorista na maior.

O pano do assento. Engraçado que eu ia achando tudo igual o da gente. Quase chegando no hotel, o ônibus fez uma curva e o que é que eu vejo na minha frente, imenso, monumental, todo iluminado às três da manhã? O Arco do Triunfo. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas. Foi uma das coisas mais bonitas da minha vida que eu vi assim, de repente. Fiquei danado quando uma mulher atrás perguntou para o marido:

– Pra que que serve? Não tem nem janela...

O hotel, mesmo às três da manhã, era monumental. O que tinha de luz acesa! A mocinha que ia entregar as chaves do apartamento, que depois eu fiquei sabendo que se chamava Sylvia, era da turma da guia. Também de vermelho, com um baita sorriso, me perguntou:

– Sínгол?

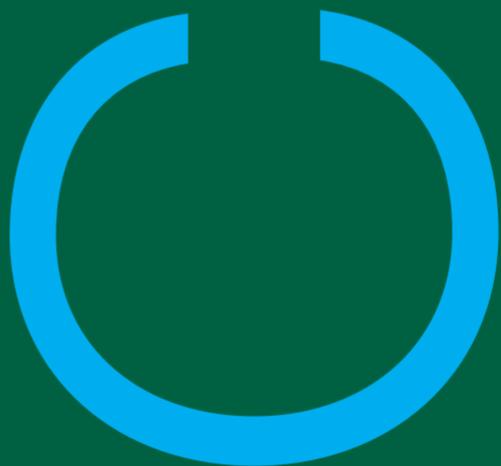
– Dacór, sínгол! (sentiu?)

Não era chave. Era um cartão magnético. Será que eu ia dar conta? Nessas horas que a Magdala é boa. Danada! Danada a Dadala. Brincando com essas palavras subi para o quarto andar, morrendo de nervoso e com o visual do Arco do Triunfo na cabeça. E o quarto sínгол se aproximando, me aguardando.

As instruções do cartão eram em francês e japonês. Mas tinha desenhinho. Na segunda tentativa eu abri o sínгол. Não tinha duas camas, mas a cama era esperta, grande, enorme. Dei uma geral com a porta ainda aberta. Nada ali que me dissesse o que era sínгол. Mas era demais. Em cima da geladeirinha, os preços. Fiz o câmbio rápido e não acreditei: uma latinha de Coca-Cola, oito pão e quarenta. Água, sete e vinte! Tudo bem, era aquela que tinham me falado, a tal da Perrier, mas meu!

46





editora evolvir

111

PELO PREÇO
DA ÁGUA,
EU IMAGINEI
QUANTO IA
CUSTAR UMA
LIGAÇÃO LÁ
PARA O BRASIL,
LÁ PRA CASA

Minha primeira decisão em terras francesas: jamais cair em tentação de abrir a geladeirainha. Jamais, em hipótese alguma.

Seu Agenor passava arrastando sua mala de rodinha.

– Seu Agenor, o quarto do senhor também é singol?

– Claro! Até mais.

– Té mais.

Preciso descobrir alguém que esteja num quarto que não seja singol pra saber o que é um quarto singol. Fechei a porta.

Estava sozinho no quarto. Estava sozinho em Paris. Impossível não imaginar a Magdala ali, comigo. Pelo menos para ajeitar as roupas no armário. Ela ia adorar isso aqui. Será que um dia eu vou ter grana pra trazer a Magdala aqui no singolção? Morar em Paris? Meu Deus, e o telefone? Uma quantidade de botões e desenhinhos que não acabava mais. Instruções em francês, inglês e espanhol. Eu ia me virar em espanhol, é claro.

49

Pelo preço da água, eu imaginei quanto ia custar uma ligação lá para o Brasil, lá pra casa. Ia ficar metade de toda a grana que eu estava levando. Quando eu acordar, eu mando uma cartinha pra ela.

Eu estava deitado de costas, olhando para o teto. De sapatos. Três e meia da manhã. Eu não ia conseguir dormir. Às quatro da tarde começava a Copa. Aquilo tudo era muito pra minha cabeça.

Tomei um banho – baita banheiro, com xampu deles e tudo – e fui para o Arco do Triunfo. Era depois da esquina. Queria ver a coisa de perto.

A rua que eu peguei se chamava Avenida de la Grande Armée. As calçadas, desertas naquela hora, eram largas, muito largas as calçadas daquela avenida. Não conseguia olhar para o chão. Os prédios me deixavam louco. Todos com sótão ou sei lá o nome daquilo. Tudo mais ou menos da mesma altura. Tudo cinza. Luzes, muitas luzes.

Antes de chegar exatamente no Arco do Triunfo sentei num banco, tirei o livro sobre Paris do bolso e dei uma geral em Arco do Triunfo. Cheguei nele sabendo tudo, pensando no Napoleão Bonaparte. Tudo que eu sabia do Napoleão era que ele andava com a mão dentro do peito. Não tinha ninguém lá naquela hora. A coisa é imensa. Não tinha janelas.



C

■

editora evoluir

—

2



editora evoluir

JURO QUE
TINHA ATÉ
MACARRONADA
NO CAFÉ
DA MANHÃ

A Sylvia, de vermelho, disse que ia distribuir o ingresso às dez horas. Eu tinha que começar a pensar em como vender o produto e em que câmbio. Ainda não sabia nem o preço oficial dele.

Abri o livrinho, decorei e descí: já vudré prãdr mō páti dējônê. Tomei o café da manhã sozinho. Se é que aquilo pode ser chamado de café. Juro que tinha até macarronada. A palavra-chave, para mim, que queria café com leite e que tinha lido no livrinho era ankafêôlé. Devo dizer que me saí muito bem.

Dez horas, eu peguei o meu ingresso lá embaixo e voltei com ele no bolso para o quarto. O ônibus para o jogo ia sair à uma da tarde. O jogo era às quatro. Me tranquei no quarto e fiquei olhando para ele. Valia pouco, o filho da mãe. Era muito bonito, mas valia pouco. Se eu conseguisse uns cem dólares por ele, devia me dar por satisfeito. Será que todos os ingressos até o final da Copa iam ser baratos daquele jeito? Barato que eu digo é pensando no seu Gomes.

53

Quando eu começo pensar besteira, tenho que passar água na cara. Foi o que eu fiz no banheiro. Só aí que eu percebi que tinha toalhinha para o bidê. Achei chiquérrimo aquilo. Duas. Já que eu estava ali, coçando, usei o bidê. E me enxuguei com aquela toalhinha francesa, levemente perfumada. Eu queria usar tudo o que eu tinha direito.

No bidê, sentado ali como quem não quer nada, a vontade de assistir o jogo contra a Escócia começou a me coçar de novo. Meu, lavei a cara e minhas partes íntimas e ainda tava pensando besteira? Nem pensar, Gregório. Você veio aqui para vender os ingressos. Só pra isso.

Onde é que eu enfio essa toalhinha, agora?





0

.

1

3



editora evoluir



COM AÇÚCAR
E COM AFETO
CAPRICHEI NO
DESODORANTE

CAPÍTULO

TREZE

Eu me ajoelhei como se estivesse diante do altar de Deus e estendi a bandeira do Brasil no chão do quarto. De joelhos, estiquei, alisei, idolatrei. Conte as estrelas no azul dos nossos rios, como me ensinaram no grupo escolar. No tempo do grupo tinha menos. Vinte e uma? Nenhuma ruga, nenhuma prega. Ali no chão estava, adormecida e estendida em berço esplêndido, a pátria amada. Pensava nessas coisas, pode? Me levantei, assoviei o início do hino nacional.

No chuveiro, cantarolei feliz. Olêêê-olêolêolááá, Brasil! Fiz a barba com carinho. Com apuro, passando as lâminas uma segunda vez a contrapelo, como dizia meu avô espanhol. Com açúcar e com afeto caprichei no desodorante porque hoje vai ser dia de suar a camisa, vai ser uma luta. Dei um trato no cabelo.

Entre de novo no quarto. Jamais pise numa bandeira. Símbolo máximo, sei disso. Sentei na cama. Coloquei a meia branca. Com as duas mãos puxei cada uma, com jeito, quase até o joelho. Na próxima copa vou trazer uma caneleira. Cueca branca, limpinha mas amarrotada, lavada no banho de manhã. Mas com sabonete francês.

A primeira camisa, por baixo, é do coringão. Por cima, a da seleção, quatro estrelas no peito e todas no coração. Olhei no espelho. Joguei um beijo pra mim mesmo. Por que não? É proibido proibir! Brasil!

Aquela mesma velha calça Lee desbotada, aquele novo tênis branco como a alma.

Voltei ao banheiro com meus batons. Pinte, de um lado, o rosto de amarelo. Do outro, verde. Gostei. Dei uma piscada pra mim mesmo. É hoje!

A tiara, onde é que eu guardei a tiara? Verde com losangos azuis. Estrelas em grupos de quatro, do tetra. Estiquei. Em cima da mesinha passei a palma da mão nela, com devoção. Coloquei na testa. Dei o nó atrás. Peguei o apito. Apitei. Sorri. Ri. Todo brasileiro tem direito à felicidade. Nem que seja de quatro em quatro anos. É hoje. Carteira, passaporte, tudo em cima. Onde é que está o ingresso?

O cachecol! Nunca usei cachecol na vida. De lã. Escrito penta. Passei pelo pescoço. Num gesto totalmente teatral joguei um dos lados para trás: estou muito metido e exibido, passou pela minha cabeça.

Ergui, icei a bandeira quase num ritual. Amarrei no pescoço. Rodopiei, girei uma, duas, três vezes. A bandeira flutuou comigo pelo quarto. O mundo é meu. Meu pescoço é o mastro nacional, gigante pela própria natureza. Eu sou o Brasil, eu sou todos nós. Valsei pelo quarto. Cantarolei o final do hino pátria amada, Brasil! Zil-zil-zil! Achei e peguei o ingresso. Meti o cartão magnético no bolso.

E saí.

A melhor imagem que eu tenho para dizer como estava o negócio lá embaixo é falar que parecia um baile de carnaval do Juventus ou do Monte

Líbano, desses que a gente vê pela televisão com o Otávio Mesquita entrevistando umas garotas.

Tinha de tudo, além da orquestra improvisada. Faltavam três horas para a abertura da copa e estava todo mundo ali. Preparado. O barulho era infernal. Eu era um dos mais discretos.

Estava fácil para vender o ingresso. Tinha gente por ali, franceses, com uma plaquinha I Need Tickets, que com o meu inglês de ginásio e câmbio, dava para entender. Estavam oferecendo cem dólares. Achei pouco. Achei pouco ou não queria vender? Pensei que na porta do estádio o preço devia estar mais alto. A Sylvia, de vermelho, apareceu com uma bandeirinha roxa escrito “Staff” e mandou quem fosse roxo que a seguisse. Eu era. Brasil roxo.

Quando entrei no ônibus, já estava lá o seu Agenor todo feliz e animado – e gargalhou orgulhosamente.

C. 1

editora evolvir

4



TENTEI ME CONCENTRAR EM MIM

CAPÍTULO

QUATORZE

De relance vi, lá no fundo, com um lugar vago do lado, uma moça. Deixei pra lá. Pensei na Magdala. O ônibus foi enchendo. A barulheira era infernal. Aquelas cornetas. A Sylvia fez a chamada, feito em escola.

O ônibus partiu. Eu ia ver Paris de dia. Mas não deu. Do meu lado, na janela, estava um sujeito fantasiado de Napoleão Bonaparte com um imenso chapéu verde e amarelo. Na minha frente uma carioca com uma escandalosa peruca de plástico nas cores azul e amarelo. O sapato dela, de salto, era das mesmas cores, com uma bandeirinha do Brasil na lateral.

Correu o bolão. Cravei dois a um para o Brasil sem saber que custava cem francos. Contabilizei, de cabeça: dezessete dólares e meio. Não podia recuar. Tinha que dar aquilo. Devia ter posto três a um.

Tentava olhar Paris. Era terça-feira, um trânsito horrível. O filho do Sarney estava no ônibus. Ele, a mulher e dois filhos. Cravou quatro a zero, sob o olhar incrédulo do filho.

Tinha esquecido de mandar uma cartinha, um postal que fosse, para a Dadala. Depois do jogo eu tinha que ver isso. Não podia me esquecer, em hipótese alguma.

Tentei me concentrar em mim. Tinha que chegar no estádio, dar uma disfarçada, sair do grupo, vender o ingresso e procurar a padaria mais próxima para assistir o jogo. Mas, por mais que eu pensasse nisso, a vontade de assistir a partida ia ficando cada vez mais forte. Aquele pessoal todo gritando, cantando, as pessoas nas calçadas olhando pra gente, sem entender nada. Com a mão no bolso, eu alisava o ingresso.

Nunca tinha me sentido tão dividido na minha vida.

Comecei a imaginar o seu Gomes vestido de Napoleão, todo verde e amarelo com um apito soprando no meu ouvido e me apresentando um cartão vermelho! Depois pensei no filho que ia nascer.

Saint-Denis é uma espécie de Osasco de Paris. A gente andando na rua a caminho do estádio, mulheres e crianças francesas saíam na janela e gritavam *bressil, bressil!*, e sorriam e os ricos fotografavam. Quando viramos a esquina, topamos com um bando de escoceses. Eles levantavam a saia quadriculada e se exibiam pra gente. A gente foi se juntando, batendo fotos juntos. Eu, de olho nas plaquinhas de compra de ingresso.

A uns cem metros do estádio entrei num bar que já estava cheio de brasileiro na maior batucada. Tinha televisão.

Vendo ou não vendo esse troço?

Ouçoo um gaúcho dizendo que estão oferecendo trezentos dólares por um ingresso. Meu Deus, o que é que eu faço? Me lembrei da Dadala abraçada comigo na porta de embarque me pedindo duas coisas: vender os ingressos e tomar cuidado com as milionárias.

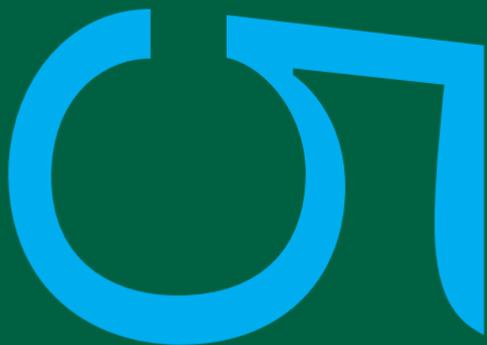
Pedi uma água para beber. Paguei. Caro pra burro. Já tinha gasto uns trinta dólares e não estava em Paris nem há doze horas. Assim não ia dar, Magdala.

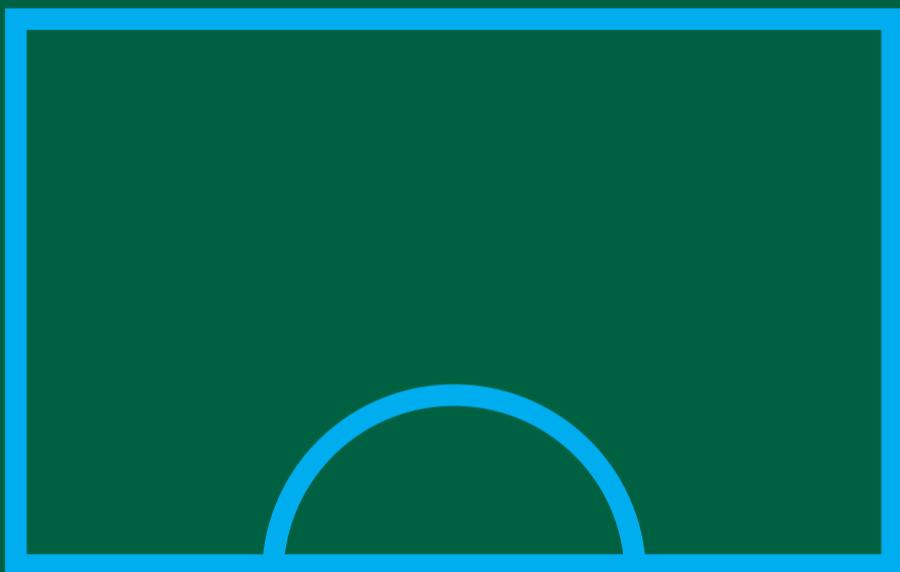
Eram mais ou menos nove horas da noite quando eu cheguei ao meu quarto no Méridien Etoile. Primeira coisa que fiz foi olhar no banheiro. Meu plano tinha dado certo. A empregada tinha colocado outro xampu e outro condicionador no chuveiro. Isso significava que eu podia esconder todo dia os tubinhos e ela ia colocar outros. Isso significava que, quando eu voltasse para o Brasil, estaria levando 34 xampus e 34 condicionadores. Franceses. Em matéria de presentes, eu ia arrasar.

Ah, Dadala. Ah, Brasil!



editora evolvir





ASSISTI O
JOGO PELA
TELEVISÃO
DE PÉ E EM
FRANCÊS

Alisei o lençol branco da cama e parti para a contabilidade: 300 dólares dos 352 que eu havia trazido mais 300 dólares da venda do ingresso. Vendi para um brasileiro mesmo, um mineiro de Mariana, o que muito facilitou a transação. Era de outro hotel, do outro lado de Paris, eu olhei no mapinha, não ia me entregar. E mais 3.350 francos, o que dava 610 dólares, mais ou menos, que era o dinheiro do bolão que eu tinha ganhado e dividido com uma senhora goiana. Tudo somado, em dólares, dava um pouquinho mais de mil. Fora o dinheiro do seu Castilho. Tirei a meia, coloquei uns mil lá dentro, calcei a meia e o sapato. Fiquei mais alto, até.

É, no primeiro dia, eu havia triplicado o meu capital. Dava até para jantar fora, sem exagerar.

Quando eu entreguei o ingresso para o cara de Mariana e ele ficou todo feliz e virou as costas e saiu andando na direção do estádio, me deu vontade de chorar. Chorar, porque eu não ia ver o jogo, nem a abertura, nem conhecer o estádio que, por fora, era deslumbrante. Chorar, porque eu pensei na Magdala na hora H e vendi. Voltei para aquele bar, e assisti o jogo pela televisão de pé e em francês.

Na volta, no ônibus, quando alguém comentou o segundo gol, o do Cafu, eu disse:

- Não foi do Cafu. O gol foi contra.
- Todo mundo me olhou espantado dentro do ônibus.
- Imagina, cara, deu até no placar eletrônico. Cafu!
- Gol contra! Quer apostar?

Eu sabia o que estava dizendo. Vi a jogada lá no bar umas seis vezes, de tudo quanto era ângulo. Quinhentos francos. Mais tarde o seu Castilho, depois de ver o teipe, me pagaria, admirado. Como é que só eu tinha visto aquilo tão claramente. Coloquei na meia do outro pé, dentro do banheiro, lá embaixo.

Contabilizado e banhado, descii. No corredor encontro com o seu Agenor e fomos jantar ali perto, no Chez Georges, depois 1926. Não sei como, mas consegui pedir carinha moída com purê de batata. Uma delícia.

Escoceses de saia entravam, qual mendigos, para pedir pão e fromage, que é queijo francês fedido.

Devia estar a maior festa no Brasil e eu ainda não tinha dado notícias para a Magdala. Ia gastar um dinheirinho e telefonar. Estava contando isso para o Geraldinho, que tinha acompanhado a gente, quando ele tirou um celular e me ofereceu:

- Fale quanto quiser. Hoje é festa.

Eu aceitei, é claro, fui para o banheiro, peguei o papelzinho onde a Magdala tinha escrito uma porção de números que era para ligar para o Brasil. A primeira coisa que ela perguntou foi: vendeu? Claro, meu amor.

Eu queria contar tudo para ela, a viagem, o hotel, que eu ainda não sabia o que era síngol e nem quando o Di Stefano tinha estreado na sele o argentina – isso não, melhor não –, mas, em considera o ao Geraldinho, era melhor não abusar. Ela me disse que, depois do jogo, todo mundo tinha ido comemorar na cantina Balila. Fiquei com inveja, ali no mictório do Chez Georges, depois 1926, ano em que o meu pai tinha nascido. Desliguei, fiz xixi e não consegui descobrir onde era a descarga. Seu Agenor fez questão de pagar a conta. E ainda disse:

– Uma merreca.

Deitei e liguei a televisão. Tinha um canal passando filmes franceses, daqueles intelectuais, bem cabeça. De repente parou. Umas coisas escritas em francês e eu entendi que tinha que pagar para continuar a ver. Não ia pagar nada.

66

Fui dormir todo orgulhoso. Para meu primeiro dia em Paris, eu era um sucesso!



C



editora evoluir

16



ALI MORA A CATHERINE DENEUVE

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Hoje fizemos um tour por Paris, de ônibus. O bus lotado, com a Sylvia, sempre com a blusa vermelha escrito “Staff”, lá na frente, com a bandeirinha roxa, explicando tudo. O motorista era o seu Manuel que, apesar do nome, era espanhol. Eu já conhecia quase todo mundo ali dentro.

O seu Agenor, eu já falei dele. O Geraldinho suava muito e toda hora o ônibus tinha que parar para ele fazer xixi na padaria (quiosque) da esquina.

Tava também o Zequinha, filho do Sarney, a mulher e dois filhos. Ele ficava recebendo e-mail do Brasil, imprimia e distribuía pelo ônibus. Tava o dono da Arapuã, do Center Castilho, da Samello, do Magazine Luiza, um revendedor Chevrolet, o Zezinho Chevrolet, uns usineiros das Alagoas, um deputado pernambucano, um fazendeiro de Aquidauana que afirmava que metade da cidade era dele e devia ser mesmo. O nome dele era Jorjão e era o cara mais engraçado da turma. E a Teresa Collor, com seu irmão Toninho, que ficaria meu grande amigo. Fora alguns donos de bancos.

É, essa era a minha turma.

Quando passamos pelo Sena pela primeira vez, uma senhora atrás de mim perguntou ao marido:

– Benhê, deram o nome pru rio antes ou depois da morte do Senna?

Torre Eiffel, Louvre, Arco do Triunfo, Sorbonne, Invalides, Saint Germain (cadê o Raí?), Sacré-Couer, Ritz Hotel “daqui saiu a Lady Di para a morte”, “ali mora a Catherine Deneuve”, “aqui mora o Alain Delon”, “ali foi decapitada Maria Antonieta”, “ali é o apartamento do Chico Buarque”, “aqui fica o Chirac”, “vejam a Notre Dame, onde vamos descer e ficar vinte minutos”.

Era tudo assim, visto de dentro do ônibus. Descemos perto da Notre Dame, que eu sabia que significava Nossa Senhora. Do lado tinha um bar chamado Delice de Notre Dame. Fiquei imaginando coxinhas da nossa senhora, me arrependi, fiz o sinal da cruz.

Passa a Sylvia com a bandeirinha roxa. Hora de ir para La Defense.

– Gregório, só falta você.

Ela sabia o meu nome. Para ela, eu era igual a qualquer usineiro, fazendeiro ou político que estava ali. Ou banqueiro.

Voltei na janela, assistindo Paris passar por mim. Parecia um sonho eu estar ali. Que coisa linda! Meu Deus, como eu sou largo. Um micro-ondas nas Casas Bahia. Eu, logo eu, que nem a Bahia conhecia. Ali, subindo a Champs Elysees, como quem sobe a São João, como quem não quer nada. Preciso passear aqui a pé, mais tarde. Andar por andar. Olhando para o Arco do Triunfo como se já o conhecesse há anos. Aquelas ruas, aqueles prédios de apartamentos. Quem será que dorme naqueles quartos todos?

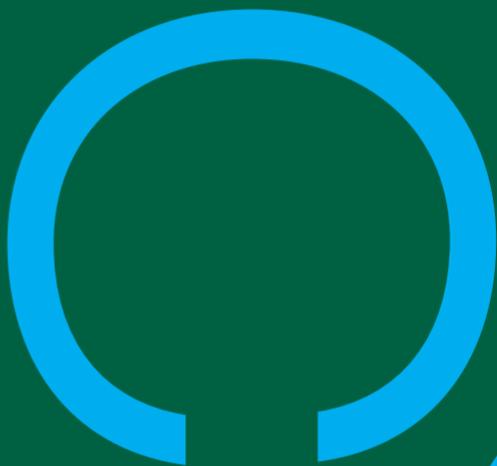
Nos próximos dias eu andaria o dia inteiro, a pé, por aquela cidade. Ficaria por Paris. Faria planos totalmente absurdos de um dia morar ali. Ia

ter que convencer a Maria Alice, a gerente, a abrir uma filial do Bradesco lá. De câmbio eu já entendia. Um dia eu ainda iria morar em Paris.

Eu já estava arranhando o francês.

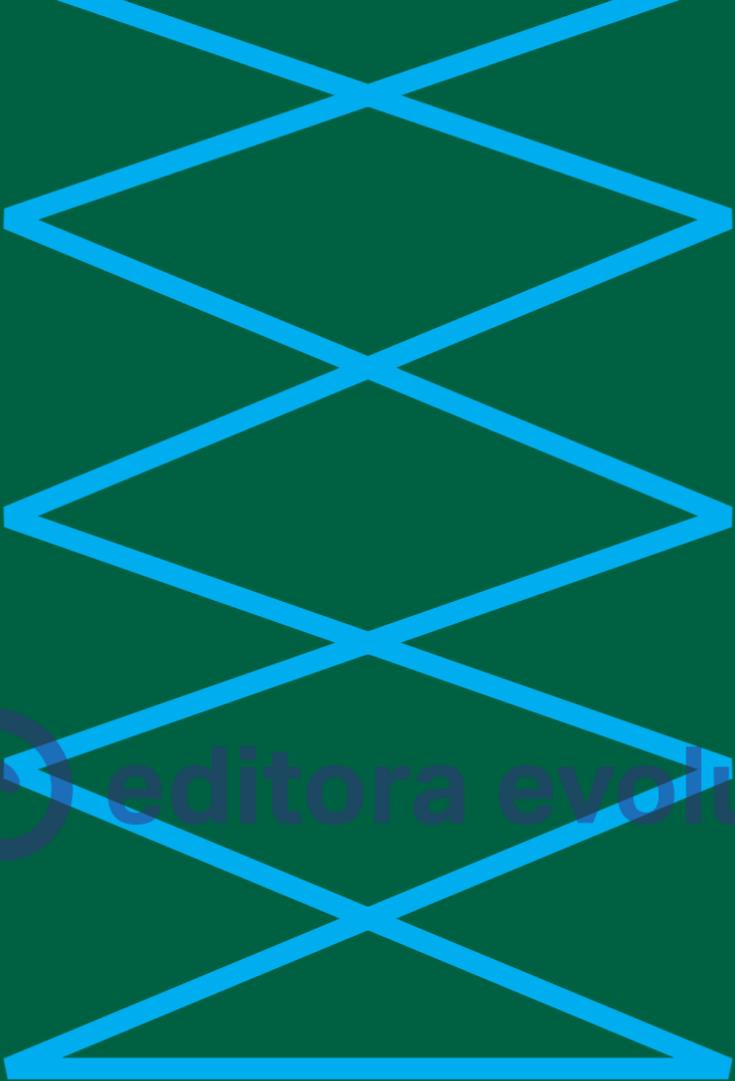
70





editora evoluir





SÓ QUERO TE
DAR UM TÊNIS
NOVO

A loucura estava apenas começando. Pra mim e pra minha turma.
No meu quarto, um telegrama entra por debaixo da porta. Dela:
Te amo pt juízo pt sua Dadala pt
Cinco palavras. Pensei: penta.
A Torre Eiffel não saía da minha cabeça. De tarde eu ia lá. Sozinho.

Andar por andar.

Toca a campainha. É o seu Agenor.

– Grande seu Agenor!

Seu Agenor entrou meio sério.

– Tem dez minutos?

– O tempo que o senhor quiser.

– Em primeiro lugar, vamos parar com esse negócio de senhor e seu Agenor. Numa Copa – e esta é a minha quinta –, todos se igualam. Corintianos e flamenguistas, ricos e pobres. Paulistas e nordestinos.

Seu Agenor abriu a geladeirainha, para minha aflição. Tirou a caixinha de gelo, abriu duas garrafinhas de suco e serviu. Tenho certeza que ele percebeu que eu estava preocupado com aquele pequeno gasto que estava aprontando na minha geladeirainha.

– Eu estava dizendo que aqui somos todos iguais. Amigos, entende, Gregório? E eu gostei de você quando te vi chorando lá no aeroporto de Guarulhos. Você é um sujeito bom. Desculpa se filosofo de vez em quando. Tenho apenas o primário, mas conheço a vida, as pessoas.

Eu não poderia imaginar aonde é que o seu Agenor (não consigo deixar de usar o “seu”) queria chegar.

– Vamos comprar um tênis para você. Preciso comprar uma bota que vi numa loja aqui perto.

Eu não estava entendendo nadinha.

– Tênis? Pra mim? Mas este não está bom?

Seu Agenor virou a bebida dele num gole só, colocou as duas mãos no meu ombro:

– Meu filho, tenho idade para ser seu pai. E sei que você é pobre.

Silêncio total no meu singol.

– Sei que você vendeu o ingresso do jogo contra a Escócia. Sei que você ganhou a aposta do Castilho porque assistiu o jogo pela televisão. A Sylvia fala muito – sorriu. – Vamos comprar um tênis para você. Depois conversamos. Você tem boa pinta, sabe sorrir, cativa as pessoas. Mas o seu tênis denuncia a tua origem. Mesmo porque vai ter um campeonato de tênis aqui no hotel e você me disse outro dia que gosta de jogar.

Fiquei olhando abismado para ele. Ele deu uma gargalhada. Achei que estava me achacando.

– O que você quer? Rachar a grana que eu ganhei do Castilho na aposta? Ele riu mais ainda.

– Só quero te dar um tênis novo. E comprar uma bota para mim. Tinha algum programa para agora?

– Pensando em ir até a Torre Eiffel.

– Pois compramos o tênis, vamos almoçar e depois vamos até a torre. Sabia que aqui em Paris tem uma agência do Bradesco?

Pasmei!

Não vou descrever a cena aqui do seu Agenor falando “francês” com a mocinha da loja, a condonnière, pois vai faltar espaço e talento para tanto. Mas agora já estávamos no restaurante e eu estava mesmo de tênis novo.

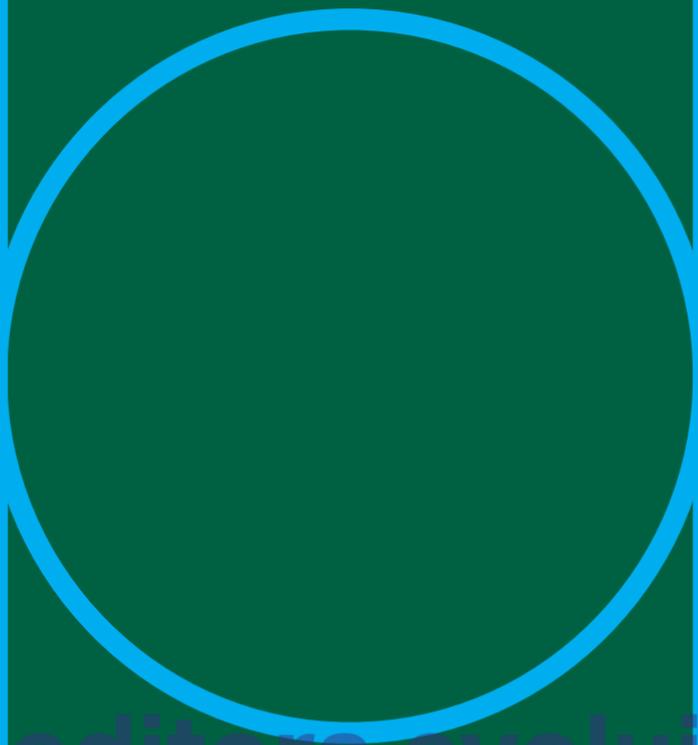
Antes de ir até a loja de tênis, passamos na concierge e eu fiz a minha inscrição para o torneio de tênis entre os brasileiros. 100 dólares! Quem ganhar leva tudo. Tinha oitenta inscritos. Três dias de jogos, até a ida para Nantes para ver o jogo contra o Marrocos.

©

1

8

 editora evoluir



 editora evoluir

O QUE ME
IMPRESSIONOU
NA TORRE
EIFFEL
FORAM OS
PARAFUSOS

Ali, no restaurante, contei toda a minha verdadeira história para o seu Agenor, que me escutava em silêncio. O seu Gomes, o casamento, o micro-ondas das Casas Bahia. A venda dos ingressos.

Ele me prometeu segredo. Não sei por quê, mas eu confiava naquele baixinho. Se eu tinha idade para ser seu filho, ele tinha idade (e experiência) para ser meu pai. Seu Agenor era um dos únicos exportadores de manganês do Brasil. Seu mercado era a Ásia, incluindo a parte russa.

O que me impressionou na Torre Eiffel foram os parafusos. Eles têm uns três metros de diâmetro. Fiquei ali olhando para os parafusos e pensando quantos franceses seriam necessários para rosquear cada um deles. Seu Agenor ficou com medo e permaneceu no deuxième étage. Eu estava no troisième, tendo toda a cidade abaixo de mim. Um vento desgraçado e eu pensando no meu bebê.

De noite, depois de jogar três partidas de tênis e ganhar as três, dei um trato no corpo e na cabeça. Passei um telegrama para a Dadala. Estava tudo bem, amava ela e etcetera. Foi fácil ganhar as partidas daqueles banqueiros e usineiros barrigudinhos. Durante anos fui pegador de bolas no Juventus e peguei a manha. Só não segui carreira no tênis por causa do Bradesco. Sabia que eu jogava bem. Já estava nas oitavas de final. Mais quatro jogos e eu pegava o prêmio de mais de oito mil dólares.

O que mais impressionava nos ricos do pedaço era a facilidade que eu tinha para calcular o câmbio. Chegava um cara e perguntava: Gregório, mil e duzentos francos, quanto tá valendo em dólar e em real? E eu com a minha cabecinha de “câmbio do Bradesco” fazia a conversão em segundos. Percebia que estava impressionando o pessoal. Principalmente depois que ouvi o seu Agenor responder a um senador o que eu fazia na vida:

– Trabalha com banco!

E piscou para mim.

Fui jantar com o seu Agenor e o Geraldinho numa cantina italiana ali perto do Méridien. E o Geraldinho contou a sua história.

Titular de Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, havia ganhado seiscentos mil reais na loteria comum. Comprou um apartamento por duzentos para ele, a mulher e as duas filhas, deu duzentos mil para a mulher fazer o que queria e disse para ela:

– Com esses duzentos mil que sobraram, vou fazer o que eu sempre sonhei na minha vida. Assistir a uma Copa do Mundo, com toda a mordomia do mundo. E só volto quando gastar os duzentos mil na Europa. Posso levar um ou dois anos. Ou um mês. Mas um dia eu volto, Geraldine.



©.



editora evoluir

19



GANHEI SEM VENDER NADA

CAPÍTULO

DEZENOVE

Seu Agenor soltou a gargalhada:

– Nunca poderia imaginar que um professor de Literatura pudesse gostar de futebol.

Nós três estávamos mesmo virando um belo trio. Os Três Mosqueteiros, como diria o Geraldinho.

Ganhei o campeonato de tênis e embolsei mais 8.700 dólares. O que eu tinha já dava para pagar o seu Agenor. Mas eu queria mais, muito mais.

No dia 16, partimos cedo de trem-bala para Nantes. Não vendi o ingresso. Vi os três a zero contra Marrocos. Ronaldo, Rivaldo e Bebeto.

Contando todo o dinheiro, venda de ingressos, apostas e tudo, tinha quase dez mil dólares. Mas eu queria mais.

Ainda tinha muito tempo para terminar a Copa. Queria investir aquele dinheiro na Europa. Fui falar com o seu Agenor.

Ele me explicou direitinho.

– Sim, vamos aplicar. Pode resgatar quando voltar para o Brasil.

– Posso retirar lá do Brasil?

– Não trabalha no câmbio do Bradesco? Vamos para a Suíça. De noite estamos de volta.

– Ir para a Suíça agora?

– É o mesmo que ir de São Paulo para Campinas. E lá todo banco é seguro.

Não era nem meia-noite quando voltamos. A Suíça era ali mesmo e eu havia aberto uma conta lá. Eu, Gregório Morus, tinha uma conta numerada na Suíça com dez mil dólares! Eu!

Nessa noite o jantar correu por minha conta.

Fiquei até as três da manhã andando sozinho pelas avenidas de Paris, pensando na primeira semana na França. Olhando os prédios, as fachadas, as entradas, os grandes portões da avenida Montaigne, depois Boulevard Saint Germain. Pensei no Raí, pensava na Suíça. Como Proust (aprendi essa com o Geraldinho), acabei no café da manhã do Ritz Hotel. Quase cem dólares de café da manhã. Mas valeu. Tinha umas pessoas lá do meu grupo do Méridien. Quando elas passavam por mim, caprichei com o garçom:

– Je vu remersi de lakoei cordial, messiê. Je vu suí biã reconessâ.

Agora eu estava sozinho no Ritz. Funcionários limpavam o chão. Já eram onze da manhã. Ali, sozinho, fazia um balanço da minha vida nos últimos dez dias. Estava preocupado comigo mesmo.

Bom na matemática, logo cheguei à conclusão de que o dinheiro que eu tinha na conta da Suíça, equivalia a 160 salários meus lá no banco da Mooca. Ou seja, eu precisaria trabalhar treze anos e meio para ganhar aquilo. Comecei a achar que estava ficando ganancioso. Pois a cada jogo o bolão aumentava e se comentava lá no hotel que, se o Brasil fosse para a final, o bolão entre a turma seria de mil dólares o palpite.

Dois dias depois fomos para Marselha e o Brasil perdeu para a Noruega. Achei que não ia ter bolão nenhum de finalíssima.

Mesmo com a derrota, eu estava orgulhoso do meu Brasil. Na primeira vez que saímos de Paris para jogar fora, contra o Marrocos, em Nantes, até o exército francês estava na Gare du Nord, estação de trem, para o embarque da torcida brasileira no TGV, o trem-bala. Achando que a gente era bicho. Agora, para o embarque para Marselha, apenas um ou dois guardi-nhas lá na estação de trem mesmo. A gente estava conquistando Paris. E Paris me conquistando.

Meu Deus, o que eu vou fazer com aquele dinheiro todo?

No jogo contra o Chile eu só fui porque era em Paris, porque eu estava mesmo era preocupado com os negócios.

82

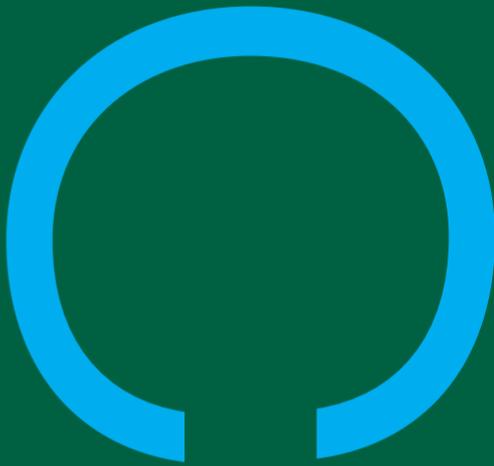
Eu, o seu Agenor e o Geraldinho tínhamos planos. Altos planos. No saguão do hotel só se falava em negócios, em dólares, em árabes, em Ásia. E lá no Brasil o Lula e o Fernando Henrique disputavam, mais uma vez, a presidência da república. Mas o Brasil estava distante de mim. Cada vez mais distante.

Reagi, comprei um celular descartável e liguei para a Dadala. Mas não falei da grana, não. Sei lá como é que ela ia reagir.

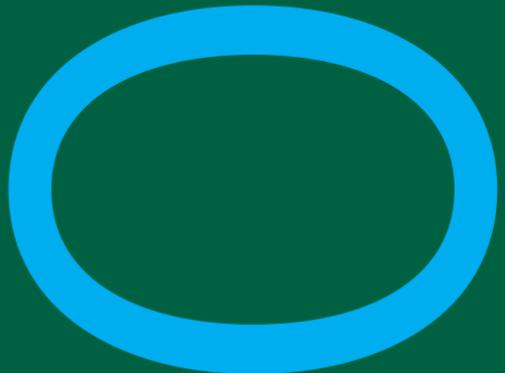
- Meu amor, o bebê está mexendo...



editora evoluir



editora evoluir





SABEM QUANTO TÁ O DÓLAR LÁ NO BRASIL?

Fomos jantar eu, o seu Agenor e o Geraldinho em Saint Germain-des-Prés, por conta e risco do professor de Literatura. Ele se sentia em casa:

– Depois da Segunda Guerra Mundial, isso aqui se tornou famosíssimo pelo mundo dos intelectuais. Surgiram os grandes cafés, bares existenciais...

– O que é isso? – perguntou o seu Agenor.

– Sartre, já ouviu falar em Sartre? Pois é, bares existenciais, movimento feminista. Barzinhos em porões. Fora a quantidade de faculdades que já existiam. Sou mais Saint-Germain do que o Quartier Latin.

E pediu um vinho, bebida muito apreciada na região. Brindamos e o seu Agenor, sempre com aquela voz de paz e sábio, tomou a palavra:

– Vou lhe dar um conselho, Geraldinho. Você me disse que tem duzentos mil dólares aqui na França.

– Cento e cinquenta. Já foi *metade* com o pacote da Copa.

– Pois que seja. Não tenho nada a ver com a sua vida, mas, se eu fosse você, deixava para torrar isso daqui a uns seis meses.

– O quê? Voltar para o Brasil?

O seu Agenor, eu sabia, farejava dinheiro. Vivia de ganhar dinheiro. Eu perguntei:

– Pode-se saber por quê?

– É o seguinte: tenho falado com o Brasil direto. Tocado os meus negócios. E a Ásia, que é o continente que mais me deve, está atrasando cada vez mais os pagamentos. Filipinas, Rússia, China, Japão... Tão atrasando. O povo lá tá sem dinheiro. Estão me entendendo?

Mas chegou a comida e a gente caiu de boca, deixando os problemas econômicos do seu Agenor pra lá.

Já devia ser uma meia-noite e estávamos em frente à universidade de Sorbonne. Geraldinho:

– Foi fundada na Idade Média, já pensaram? Aqui, em maio de 1968...

Seu Agenor cortou o mestre.

– Vocês querem falar da Ásia ou não?

– Pra falar a verdade, estou mais preocupado é com o jogo com a Dinamarca.

– Sabem quanto tá o dólar lá no Brasil? Zero ponto noventa e sete. Praticamente um por um. E eu estou sentindo que a Ásia vai quebrar. E o dólar vai para dois e meio em seis meses. Não gastem dólares.

Mas eu e o Geraldinho não estávamos mais ouvindo aquilo. Direcionamos o corpo para um boteco e nos divertimos para valer. Deixamos a Ásia pra lá.

Foi quando o seu Agenor deu a ideia de ir para o Cassino. Ou casinô, como dizem os franceses. E caímos na besteira de ir.

Feliz e infelizmente tínhamos pouco dinheiro no bolso. Perdemos o que não podíamos em menos de uma hora. Só nos restava os ingressos do jogo

contra a Dinamarca que a gente tinha recebido ao sair do hotel. Vendemos cada um por mil dólares. E perdemos tudo.

Os três abraçados, fora de Paris, procurando um táxi.

Entramos e o seu Agenor disse em português mesmo:

– Missiê, vamos para a Ásia!

No que o mestre de Literatura emendou:

– A Lua vem da Ásia!

Uma chuva imóvel caía sobre a vaca de nariz sutil que pastava nos arredores da Cidade Luz.

0.

editora evoluir

21



RONALDINHO
TRISTE,
CANSADO,
EVITANDO A
IMPRENSA

O bolão do jogo contra a Holanda arrecadou quase trinta mil dólares. Coloquei três a zero para nós e não ganhei nada. Várias pessoas acertaram a vitória nos pênaltis.

Agora a gente tinha a França pela frente que havia chegado até ali aos trancos e barrancos. Morte súbita contra o Paraguai e nos pênaltis contra a Itália. Depois ainda pegou a moleza da Croácia.

E o Brasil. Eu precisava estudar o jogo. Estava de olho no bolão. O Cafu iria voltar para a lateral no lugar do estabonado Zé Carlos. Os três mosqueiros foram ver o último treino do Brasil.

Enquanto o seu Agenor e o Geraldinho discutiam jogadas e armações táticas, eu estava de olho noutra coisa. Nos celulares. Quando o ônibus chegou da concentração para o treino, todos os jogadores – todos – desceram falando no telefone. Ainda fiz uma piadinha interna: mas eles não estão concentrados?

O Ronaldinho tinha três celulares. Sentado no banco de reserva ele revezava entre um e outro e outro. Devia ser a mãe dele contando que tinha brigado com a amante do pai, a namorada dizendo que não estava de caso com o jornalista da Globo, a Inter querendo saber do Joelho dele, a Nike querendo impor a cor da chuteira. No meio do campo, o Zagallo gritava.

Ronaldinho triste, cansado, evitando a imprensa. E os seus celulares não paravam de tocar.

Pensei esse negócio não vai dar certo. Ninguém está concentrado. O Brasil vai perder esta Copa. O pensamento veio firme na minha cabeça. Vamos perder. Vou jogar contra o Brasil no bolão. Mas e aí? Vou ter que torcer contra? Mas é que estava tão na minha cara que ia dar caca, que eu não tive dúvida.

Cheguei no hotel, procurei o seu Castilho, que ficava com a grana das apostas, escrevi três a zero, coloquei meu nome, meu passaporte e o número do meu quarto no papelzinho. Coloquei dentro do envelope, colei tudo e entreguei para o seu Castilho com dez notas de cem dólares.

E não fui ao jogo. Fiquei no meu quarto, esperando a hora. Claro que, se o Brasil fizesse um gol, eu perderia e iria torcer como nunca para nós. Tinha meus raciocínios prontos. Queria que o Brasil fosse campeão, mas, se perdesse, que fosse de três a zero. Duvido que alguém tivesse colocado esse resultado. E o bolão, quando o ônibus saiu, já estava em 182 mil dólares!

Céus, eu estava mesmo era sonhando. Minha mala já estava pronta. Iríamos partir de madrugada. Saída do hotel às três da manhã. Dentro da mala, quarenta xampus e quarenta condicionadores. Tudo escrito na língua do Marquês de Sade, como diria o Geraldinho.

Brasil: Taffarel, Cafu, Aldair, Júnior Baiano e Roberto Carlos. Dunga, César Sampaio, Leonardo e Rivaldo. Bebeto e Ronaldo.

O juiz era marroquino e diziam que ia favorecer os franceses, porque nós havíamos eliminado eles quando perdemos para a Noruega. Fofocas de uma Copa do Mundo.

Faltavam cinco minutos para começar o jogo, quando batem na porta. Não acreditei. Seu Agenor e o Geraldinho também não haviam ido ao estádio. Haviam feito o mesmo que eu: apostado na França. Um a zero, o seu Agenor e dois a zero o Geraldinho. Quando eu disse que cravara três a zero, juro que ficou um certo mal-estar no quarto. Nos sentimos três traidores da pátria.

Não rimos. Ficamos em silêncio até os 27 minutos quando o Roberto Carlos foi fazer uma gracinha perto da bandeirinha. Córner, como disse o seu Agenor. Zidane colocou a bolada nas mãos do seu Agenor.

Agora era torcer para a França fazer mais. Ou o Brasil fazer um e aí a gente ia virar Brasil de novo.

90

No intervalo, o seu Agenor resolveu fazer um discurso:

– Vamos esquecer o resultado do jogo e do bolão. Vamos falar de negócios. Negócios. Temos só mais umas oito horas juntos. Estamos juntos, os três mosqueteiros, há quarenta dias. Somos os três mosqueteiros!!! Ou não somos?

Geraldinho concordou e disse:

- Um por todos e todos por um!!!
- Vive la France. Vive Paris!

Q

.

N

N



editora evolvir



ADEUS,
BANCO,
ADEUS,
UNIVERSIDADE
FEDERAL

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

Estávamos aos 46 minutos do segundo tempo e o Geraldinho comemorava. Dois a zero para a França e já sonhando com a grana no bolso dele. E eu ainda torcia pelos franceses. Foi quando aquele loirinho de rabo de cavalo, chamado Petit, dispara pela esquerda, espera o Taffarel sair e chuta no canto. Coloca a grana no meu bolso. Geraldinho broxou. E seu Agenor, sempre sábio, tomou a palavra:

– Um por todos e todos por um. Vamos fazer negócio. Juntar os dólares de nós três e fazer uma aplicação comum. Posso garantir que até março a gente quase triplica o lucro em reais.

Mas outro espertinho havia colocado três a zero para a França. Ganhei – e recebi na hora – setenta e oito mil *dólares*. Com o que tinha no bolso e aplicado na Suíça...

“Deixa comigo”, dizia o seu Agenor.

Não pegamos o voo de volta na manhã seguinte. Fomos para a Suíça. O plano era esperar o dólar disparar e abrir um negócio de manganês no Amapá. Adeus, banco, adeus, Universidade Federal. Nossa firma já tinha até nome: Agegre-G. Age de Agenor, gre de Gregório e G de Geraldinho.

A Dadala não ia acreditar. Seu Gomes estava garantido. Meu filho que já mexia também.

Por conta do seu Agenor – era mesmo um pai –, ainda fomos conhecer Amsterdã. De lá, cada um tomou o seu rumo. Foi uma bela Copa, não posso deixar de dizer.

A Dadala fez uma macarronada lá em casa e eu dei xampu para todo mundo. Fiz o maior sucesso. Não contei para ninguém dos meus dólares e das negociações com o seu Agenor e o Geraldinho. Só mais tarde, de noite, só eu e a Dadala, depois de provar a saudade e fidelidade e tomando cuidado com a barriga, foi que eu contei tudo.

– Sim, estamos muito ricos. Mas, a partir de março, estaremos muito mais. Esse bebê vai nascer em Paris, *mon amie*. *Argent! Argent!*

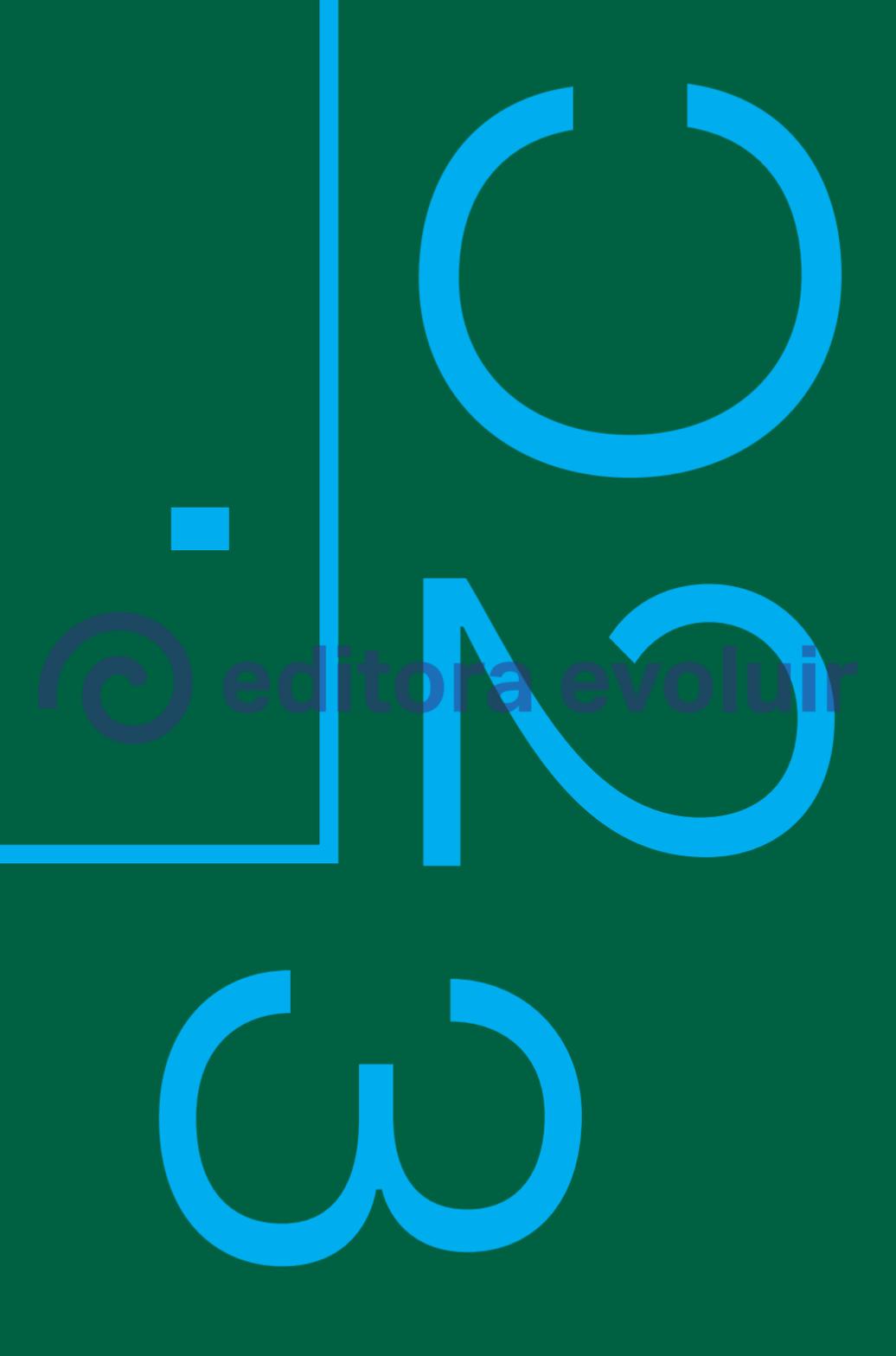
Na segunda-feira, como quem não quer nada, assumi meu posto no banco. Tive que contar muitas histórias. Todo mundo queria mesmo era saber o que tinha acontecido com o Ronaldinho.

E assim os meses foram passando. O dólar estável, a barriga da Dadala crescendo. E eu fazendo planos. De vez em quando, falava com os celulares do seu Agenor e do Geraldinho. Nossos planos cresciam. Seu Agenor garantia. O dólar vai disparar.

Não deu outra. Janeiro, fevereiro e março. A moeda americana foi para dois e tanto. Eu já tinha bastante dinheiro na Suíça.

Foi quando os celulares do seu Agenor e do Geraldinho só davam “fora de área”.





O

N

W

editora evoluir



O FIM

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

Tive que faltar ao banco numa segunda-feira para ir até a agência que nos levou para a Copa atrás do paradeiro do seu Agenor e do Geraldinho. Fui informado de que não havia nenhum Agenor na excursão. Procurei o seu Castilho, que falava francês, e pedi que ele ligasse para o banco na Suíça. Dei o número da minha conta. Pediram para fazer tudo por e-mail. E foi por um e-mail que eu soube que não havia nenhum dólar naquela conta.

De noite, procurei o seu Gomes, o agiota, e fiz um empréstimo com ele. Algo em torno de dez mil reais. Uns míseros quatro mil dólares.

No dia seguinte, lá no câmbio do banco, continuava a ver o dólar subindo.

Nunca mais achei o seu Agenor e o Geraldinho, que, segundo fui informado, nunca deu aula de Literatura na Federal do Rio de Janeiro.

Em 2002, não fui à Copa da Ásia.

E o Brasil ganhou!!!





SOBRE A OBRA
E O AUTOR

OS BRASILEIROS
DESFILAVAM A NOSSA
BANDEIRA PELAS
RUAS FRANCESAS.
SENHORAS SAÍAM
À JANELA E
APLAUDIAM O BRASIL.
CUMPRIMENTAVAM
AQUELE BANDO DE
LOUCOS MANSOS,
DE APAIXONADOS
BAIANOS, CARIOCAS,
PAULISTAS,
AMAZONENSES E
TINHA ATÉ UNS DO
TOCANTINS.

Trecho da crônica “O Brasil
ganhou a França”, de Mario Prata.

Você pode acessá-la na ínte-
gra em: [https://marioprata.net/
cronicas/o-brasil-ganhou-a-franca/](https://marioprata.net/cronicas/o-brasil-ganhou-a-franca/)

SINOPSE

Gregório não poderia imaginar o que aconteceria com a sua vida ao comprar para o seu enxoval de casamento um micro-ondas. Era o ano de 1998, em que aconteceria um dos eventos esportivos mais importantes: a Copa do Mundo. E foi num dia comum, momento em que estava reunido em seu ambiente de trabalho com seus colegas, que recebe a notícia: sim, ele havia sido sorteado para assistir aos jogos do Brasil em Paris. Até achou que era alguma pegadinha, mas não é que aquele micro-ondas que havia comprado nas Casas Bahia estava prestes a levar Gregório para uma aventura inesquecível?

Ainda bastante ansioso, ligou para a recém-esposa Magdala para contar a novidade. Ela também ficou bastante surpresa. A partir desse momento, muitas histórias estavam prestes a acontecer com o casal, que, à espera do primeiro filho, ainda contava com algumas dívidas. Diante desse cenário, os dois decidiram que Gregório viajaria e venderia os ingressos dos jogos. Mas será que o rapaz vai resistir à tentação de assistir à seleção jogar?

Imperdível.

101

POR QUE LER ESTE LIVRO?

O autor recorta uma situação da realidade vivida e a expõe no texto, como em um *close*, tornando-a visível ao leitor. No processo de reconstrução dos sentidos do texto, é possível que, ao enxergar a situação exposta, alguma reflexão a respeito dela aconteça, modificando a percepção do sujeito, independentemente de qual seja o tipo de modificação.

A formação do sujeito leitor implica, inexoravelmente, a discussão dos temas focalizados nos textos que se lê, já que não há textos sem conteúdo temático. Por isso, é imprescindível que se esteja atento tanto aos assuntos com os quais os estudantes entrarão em contato no processo de leitura, quanto com as perspectivas a partir das quais esses temas são apresentados no texto, explicitamente ou não.

A oportunidade que se coloca na seleção de um texto é a de focalizar questões relevantes para a formação do cidadão, na direção de colaborar para a constituição de uma pessoa melhor. As questões do tempo em que se vive – tanto aquelas que não contribuem para a constituição de atitudes e valores éticos que possibilitem a convivência democrática e humanizadora das pessoas, quanto as que podem servir como referência positiva para a

construção de ações que contribuam para uma transformação positiva do sujeito – precisam se tornar o foco do trabalho na sala de aula, em um movimento problematizador, que amplie a proficiência do sujeito no que se refere à percepção e compreensão da realidade vivida.

Por isso, a escolha deste texto, desta obra: ela focaliza situações em que a falta de ética – profissional, pessoal, social – parece normalizada e parece representar um comportamento aceito socialmente, e não atitudes nocivas, sem implicações ou prejuízos para os envolvidos; parece não repercutir a violência moral frequente nas relações sociais da atualidade.

O tema “inquietações da juventude” precisa incluir a discussão sobre a normalização desses comportamentos prejudiciais à convivência humanizadora, ética e democrática, especialmente porque muitas das decisões que os jovens (mas não apenas eles) tomam cotidianamente derivam dessa compreensão equivocada. Na verdade, o equívoco não é percebido como tal, mas como uma atitude costumeira.

Uma das razões pelas quais esta obra deve ser lida é que o recorte de um comportamento social precisa ser ressignificado. Para que isso aconteça na leitura, essa questão precisa ser problematizada pelo professor, de modo a, por um lado, torná-la observável, visível ao estudante e, por outro, criar um espaço de reflexão sobre os valores éticos implicados nas atitudes envolvidas em ações orientadas por esses valores.

No entanto, também há razões linguístico-discursivas e estéticas pelas quais o texto vale a pena, já que se trata de uma leitura de referência pela sua qualidade inequívoca, obra de um autor de relevância na literatura nacional.

CARACTERÍSTICAS DA OBRA

A obra *Paris, 98!* parece ser organizada como uma crônica narrativa de costumes – ou crítica social – e de humor, ainda que a sua extensão seja maior do que a de textos do gênero, em geral. Poderíamos, inclusive, indicar a organização do texto como conto. No entanto, há uma série de aspectos que corroboram a ideia de que *Paris, 98!* é uma crônica. Inicialmente, podemos constatar que o texto tem um **registro linguístico** paulista extremamente **coloquial**, contendo expressões como *pra, a coisa toda, me deu um toque, home (para homem), dez paus (para 10 reais), dez paus e pouquinho (para um pouco mais do que 10 reais), eu saquei que, a grana*, entre muitas outras. Como bem lembra Arrigucci Jr. (1987, p. 51), a crônica é “próxima da conversa e da vida de todo o dia”.

Outro aspecto que aproxima o texto selecionado da crônica é a **presença do humor**, que caracteriza a narrativa em situações diversas, do início ao final do texto, com um final surpreendente.

Além disso, a crônica costuma focalizar uma situação do cotidiano de um grupo social determinado, que é recorrente e representativa de determinados aspectos passíveis de uma análise mais reflexiva, tornando essa situação visível e observável, como num *close*. *Paris, 98!* focaliza uma **questão cultural brasileira** – de costume ou social – que é tomada como foco da reflexão desencadeada pela crônica – a do famoso “jeitinho” brasileiro – e coloca o leitor diante de **dilemas morais**. Esses dilemas (vender ou não os bilhetes dos jogos para ficar com o dinheiro, enganando a empresa que concedeu o prêmio, que tinha como regra não trocá-lo pelo seu valor em dinheiro; ter um caso com a funcionária da agência de viagens, ou não, considerando que era um homem casado de uma esposa grávida do primeiro filho do casal; conseguir um atestado falso para justificar ausências no trabalho, por exemplo) não são percebidos como tais pelo personagem principal, Gregório, que, por outro lado, é trapaceado por dois brasileiros estelionatários.

A narrativa é marcada pela **brevidade das ações** apresentadas, e acontece em **tempo e espaço determinados** (*Paris, Bradesco, singol, 10 de abril, falta um mês* são exemplos de indicações precisas de tempo e espaço). Além disso, apresenta **diálogos bastante ágeis**, quase sem a presença de articuladores e uma narrativa em que as orações justapostas são frequentes.

A **voz** que se constitui no texto é a do personagem Gregório, presente em primeira pessoa, o que nos coloca diante de um **narrador-personagem** e de uma **narrativa** – ou seja, diante de uma obra **ficcional**. Isso tudo em detrimento de o autor ter estado em Paris para a Copa do mundo de 1998, conforme nos informa a biografia e a sinopse retiradas do *site* oficial de Mario Prata, e de que o livro foi publicado em 2005, um ano antes da copa de 2006.

Os **títulos dos capítulos** são, quase sempre, um detalhe da ação narrada no trecho. Por exemplo, o capítulo 2, cujo título é **Quanto é que não deve custar pintar a Torre Eiffel todo ano**, refere-se a um pensamento que Gregório teve quando tentava analisar o preço da viagem e a necessidade de fundos para realizá-la. Ou o capítulo cujo título é **Quando os jogadores formam a barreira, ele acha que estão posando para a foto**, que é relativo ao que Gregório pensava que um dos personagens achava na situação referida.

O autor parece jogar com o leitor, propondo desafios linguísticos que precisam ser resolvidos para a compreensão do texto e que, muitas vezes, vêm carregados de humor.

Além disso, muitas vezes a narrativa é tão enxuta que não são apresentados indicadores de espaço ou de tempo para que o leitor se localize. Isso ocorre, por exemplo, no capítulo 2, que inicia com **Voltei para as Filipinas**: o leitor precisa retomar o capítulo anterior para concluir que o personagem

voltou para o Banco, espaço de trabalho no qual analisava a crise financeira das Filipinas. Outro exemplo, ainda no capítulo 2, ocorre depois de “Mais tarde”: não há qualquer indicação de que houve mudança do cenário, sendo que o leitor precisa seguir a leitura para descobrir que se trata da agência de turismo.

Esses são os aspectos linguístico-discursivos fundamentais que precisarão ser problematizados no estudo do texto a ser feito durante a leitura programada.



 **editora evoluir**

Fonte: divulgação.

O AUTOR

Mario Prata é um escritor, dramaturgo, jornalista e cronista brasileiro. É natural de Uberaba, Minas Gerais, mas viveu boa parte da infância e adolescência em Lins, interior de São Paulo.

Também chamado de Pratinha pelos amigos, é um mineiro criado no interior de São Paulo. Autodenomina-se paulistano por opção, e possui um estilo ímpar: ágil, certeiro, cheio de humor e ironia, de modo que pode impressionar profundamente o leitor logo nas primeiras páginas.

Em mais de 50 anos de escrita, já abordou os mais variados temas em suas obras e circulou por vários espaços: jornalismo, televisão (na qual roteirizou várias novelas e séries), teatro, nos papéis de escritor, roteirista e dramaturgo especial, assim como de cronista ímpar. Tem no currículo cerca de 3 mil crônicas e 80 títulos, entre romances, livros de contos, roteiros e peças teatrais. Na carreira, recebeu 18 prêmios nacionais e estrangeiros, com obras reconhecidas no cinema, literatura, teatro e televisão. Mario Prata tem três filhos: Antonio, Maria e Pedro. E três netos: Olivia, Daniel e Laura.

No seu *site* encontramos informação farta a respeito de sua produção, a qual reproduzimos a seguir.

TEATRO – Em 1970, Mario Prata estreou no teatro com a peça *O cordão umbilical*, com direção de José Rubens Siqueira. No mesmo período, escreveu *E se a gente ganhar a guerra?* (1971) e abordou o tema da tortura em *Fábrica de chocolate* (1979). Nos anos 1980, abusou da paródia em *Dona Beja* (1980), reviu momentos do teatro brasileiro em *Salto alto* (1983), discutiu sobre pecado e prazer em *Purgatório*, uma *Comédia divina* (1984) e sexualidade e tabus em *Papai & mamãe – Conversando sobre sexo* (de 1984, em parceria com Marta Suplicy). Seu maior sucesso nos palcos foi *Besame mucho*, peça de 1982, que virou filme premiado cinco anos depois. Sua peça mais recente é *Eu falo o que elas querem ouvir*, encenada em 2001, com direção de Roberto Lage.

CINEMA – Mario Prata passou a colaborar para o cinema em 1971. Dentre os filmes que roteirizou e para os quais escreveu o argumento, estão *O jogo da vida e da morte* (1971), *Chico Rei* (1985), *Besame mucho* (1987, em parceria com Francisco Ramalho Jr.), *Banana split* (1988), *Beijo 2348/72* (1991), *O testamento do senhor Napumoceno* (1997) e *O casamento de Romeu e Julieta* (2003, com roteiro baseado em um conto do autor).

JORNALISMO – Em começo de carreira, foi repórter na *Gazeta de Lins* e para o jornal *Última Hora*. Nos anos 1970, colaborou como cronista no *Pasquim*, ao lado de Millôr Fernandes. Em 1993, passou a assinar uma coluna semanal no jornal *O Estado de S.Paulo*, onde foi cronista por 11 anos. Também assinou crônicas para diversas publicações nacionais, entre elas as revistas *IstoÉ* e *Época* e o jornal *Folha de S.Paulo*.

TELEVISÃO – Em 1976, escreveu a primeira novela, *Estúpido cupido*, um dos maiores sucessos de audiência na Rede Globo. Escreveu e colaborou ainda nas novelas *Sem lenço, sem documento* (1977, Rede Globo), *Dinheiro vivo* (1979, TV Tupi), *Um sonho a mais* (1985, coautoria), *Helena* (1987, Rede Manchete) e *Bang Bang* (2005, Rede Globo). Dentre as minisséries, teleromances e programas *Caso Verdade*, estão *Xico Rey* (1978), *O resto é silêncio* e *O vento do mar aberto* (1981, TV Cultura), *Música ao longe* (1982, TV Cultura), *Avenida Paulista*, *Devolvam meu filho* e *O homem do disco voador* (1982, Rede Globo) e *A máfia no Brasil* (1984, Rede Globo).

LITERATURA – Sua estreia na literatura foi em 1969, com o texto *O morto que morreu de rir*. Em 1987, a premiada peça teatral *Besame mucho* foi lançada em livro. Explorando gêneros, escreveu e participou de dez coletâneas literárias e da coleção *Quem Conta um Conto*, projeto adotado em escolas, com organização do professor Samir Curi Meserani. De 1970 a 1987, Mario Prata também escreveu e participou de cinco publicações para o público infantil.

Na década de 1990, o autor lançou os seguintes livros para o público adulto: *Schifaizfavoire* (1993), *James Lins: O playboy que (não) deu certo* (1994), *Filho é bom, mas dura muito* (1995), *Mas será o Benedito?* (1996), *Diário de um magro* (1997), *100 Crônicas* (1997, pelo Estadão), *Minhas vidas passadas (a limpo)* (1998) e *Minhas mulheres e meus homens* (1999).

Em 2000, escreveu inteiramente *on-line* o livro *Os anjos de Badaró*, o primeiro projeto do tipo no país. Nessa década, lançou *Minhas tudo* (2001), *Buscando o seu Mindinho* (2002), *Palmeiras, um caso de amor* (2002), *Diário de um Magro 2* (2004), *Paris, 98!* (2005), *Purgatório – A verdadeira história de Dante e Beatriz* (2008) e *Cem melhores crônicas: que, na verdade, são 129* (2008). Os livros de Mario Prata estiveram na lista de mais vendidos nove vezes, liderando-a em seis ocasiões. Mais recentemente, o autor tem se dedicado à literatura policial, com dois livros publicados do gênero: *Sete de paus* (2008) e *Os viúvos* (2010). Sua publicação mais recente é o *Almanaque Pinheiro Neto*, livro comemorativo lançado em 2012.

PARA CONHECER UM POUCO MAIS A PERSONALIDADE DO AUTOR

108

1. Mario Alberto Campos de Moraes Prata, 59, autor da novela *Bang-Bang* (2005), nasceu em Uberaba (MG), mas foi criado em Lins (SP), que em sua fundação, em 1913, se chamou Albuquerque Lins, em homenagem a um governador da província paulista.
2. Albuquerque, o nome da cidade na novela citada acima, é o mesmo nome da cidadezinha retratada em *Estúpido Cupido* (1976), primeira novela do escritor.
3. Prata se orgulha de ostentar o título de campeão do tênis do Oeste Paulista, conquistado na adolescência quando jogava pelo Clube Atlético Linense. Mas seu filho Antônio se queixa de nunca ter visto medalhas que comprovem o fato.
4. O autor casou-se em 1976 usando tênis All Star e calça jeans; a cerimônia aconteceu na sala de estar da sogra, em uma casa no Itaim Bibi. A noiva (a jornalista Marta Góes) estava de vermelho.
5. Há cerca de dez anos, ele não tem fogão em casa; só come em restaurantes. E sua geladeira resume-se a um frigobar.
6. O magérrimo Prata passa boa parte de sua vida em um spa: tem quarto fixo no Spa São Pedro, em Sorocaba. Foi depois de uma temporada de duas semanas lá, em 1997, que ele escreveu *Diário de um Magro*.
7. Em 1990, foi para Portugal por amor, a convite de uma namorada nativa, a cantora Eugênio de Melo Castro. O romance durou 16 dias, mas ele ficou por lá dois anos. Um dos frutos dessa experiência foi o livro *Schifaizfavoire*, dicionário bem-humorado da língua portuguesa falada pelos portugueses, seu primeiro *best-seller*.

Adaptado de: GIANNINI, Deborah. 7 coisas que você não sabia sobre Mario Prata. *Revista Folha*, 9 out. 2005. Disponível em: <https://marioprata.net/fotos-2/notas-e-materias/>. Acesso

em: 24 mar. 2021.



“CUMEQUIÉ?”

Gregório não poderia imaginar o que aconteceria com a sua vida ao comprar para o seu enxoval de casamento um micro-ondas. Era o ano de 1998, em que aconteceria um dos eventos esportivos mais cobiçados: a Copa do Mundo. E foi num dia comum, momento em que estava reunido em seu ambiente de trabalho com seus colegas, que recebe a notícia: sim, ele havia sido sorteado para assistir aos jogos do Brasil em Paris. Até achou que era alguma pegadinha, mas não era que aquele micro-ondas que havia comprado nas Casas Bahia estava prestes a levar Gregório para uma aventura inesquecível?

A partir desse momento, muitas histórias estavam prestes a acontecer com o casal, que, à espera do primeiro filho, ainda contava com algumas dívidas. Diante desse cenário, os dois decidiram que Gregório viajaria e venderia os ingressos dos jogos. Mas será que o rapaz vai resistir à tentação de assistir à seleção jogar?

Imperdível.

Para evoluir